

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

A PRESENÇA CAMPANIFORME NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

BELL-BEAKER PRODUCTIONS FROM THE PORTUGUESE TERRITORY

João Luís Cardoso¹

Abstract

A survey of Bell Beaker manifestations in the Portuguese territory is presented here. Main conclusions are highlighted: 1) Concerning absolute chronology, the most ancient beaker productions can be situated between 2800-2600 BC, either in the North region of the Douro river, or in the Estremadura; 2) Most part of archaeological sites present stratigraphic coexistence of different ceramic productions with decorative patterns and techniques. This is in contradiction with the traditional periodization of the Bell Beaker manifestations that are based upon those stylistic characteristics. On the other hand, in some regions we can observe the almost absolute dominance of different styles in some domestic sites that are synchronic, in spite of its spatial proximity, as in the case of eastern region of Alto Alentejo. 3) In the Estremadura, the typological differences observed between the productions from walled sites and open sites, both contemporaneous, suggest that the first ones are the local residence of emergent elites. Open sites were occupied by the segment of the community dedicated intensively and extensively to agro-pastoral activities. 4) Finally, the nature and characteristics of the Ferradeira Horizon and Montelavar Horizon, which corresponds to the transition to the Bronze Age, are discussed.

Keywords: Bell-Beaker, chronology, material culture, Portugal, society.

1 - INTRODUÇÃO

As produções campaniformes do território português foram reconhecidas desde os inícios da década de 1860, através dos trabalhos pioneiros de Carlos Ribeiro, e da Comissão Geológica de Portugal por si co-dirigida. Data dessa época as primeiras explorações realizadas no povoado pré-histórico de Rotura, Setúbal, tendo algumas das cerâmicas decoradas ali recolhidas sido reproduzidas em litografia, destinada a ser incluída num álbum sobre a Pré-História portuguesa, a ser apresentado à Exposição Universal de Paris, de 1867 (Fig. 1). Tal álbum não se concretizou, mas a colecção de litografias que a ele se destinavam, das quais se conservam alguns exemplares, já foi objecto de estudo (CARREIRA & CARDOSO, 1996). A estampa em causa integra uma das representações mais antigas, a nível europeu, de produções campaniformes. Trata-se de um vaso geométrico a pontilhado e de um vaso marítimo, a par de cerâmicas decoradas não campaniformes, mas delas coevas, características da Estremadura portuguesa (padrões de “folha de acácia” e associados).

Em 1876, não longe daquele povoado pré-histórico, foram parcialmente exploradas por António Mendes, colector da então secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, então sob a égide de Carlos Ribeiro, e

¹ Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).
cardoso18@netvisao.pt



Fig. 1 – Litografia de 1866 reproduzindo fragmentos de cerâmicas decoradas pré-históricas, algumas delas campaniformes, do povoado da Rotura, Setúbal (seg. J. R. Carreira & J. L. Cardoso).

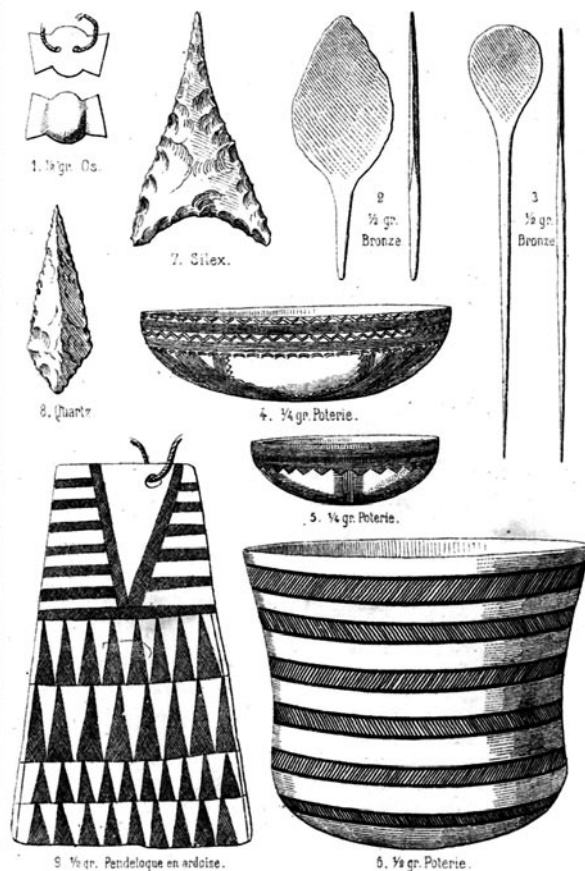


Fig. 2 – Litografia de 1878 reproduzindo artefactos pré-históricos de Portugal, alguns deles do grupo das produções campaniformes (seg. C. Ribeiro).

por iniciativa deste, as quatro grutas artificiais do Casal do Pardo, perto da povoação da Quinta do Anjo, do concelho de Palmela, de que foi prontamente publicada notícia, volvidos apenas dois anos, numa das mais importantes revistas arqueológicas da época os *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme* (RIBEIRO, 1878). Nela se insere uma estampa onde se apresentam alguns dos espólios campaniformes ali recolhidos, os quais ainda hoje se podem observar no Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG) (Fig. 2). A riqueza e diversidade dos espólios campaniformes das grutas artificiais de Palmela, observados pelos participantes na IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa em Setembro de 1880, celebrizaram-nas internacionalmente, e estão na origem de designações que cedo integraram a nomenclatura arqueológica, como “pontas Palmela” e “taças Palmela”, de que alguns dos exemplares mais relevantes se encontram representados na referida figura.

Mais de 150 anos depois da recolha dos primeiros fragmentos campaniformes em território português, poucos estudos de síntese foram apresentados sobre tais manifestações, destacando-se os produzidos por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1966) e R. J. Harrison (HARRISON, 1977), ambos correspondentes trabalhos académicos. Também o autor, no âmbito de duas obras de síntese sobre a Pré-História portuguesa, elaborou

as sínteses possíveis sobre esta temática, de crescente complexidade, à medida que os dados se avolumavam (CARDOSO, 2002, 2007).

No norte e no centro do país, a acumulação de informação produzida nos últimos vinte anos, resultou em larga medida de trabalhos de campo realizados ao abrigo de diversos projectos de investigação que conduziram às primeiras sínteses regionais (JORGE, 2002; BETTENCOURT, 2011; GOMES & CARVALHO, 1993; SENNA-MARTINEZ, 1994).

Ao contrário, no sul do território português, o avanço dos conhecimentos resultou sobretudo da mega operação de minimização de impactes arqueológicos decorrentes do projecto hidroeléctrico e agrícola associado à barragem de Alqueva; com a escavação de numerosos sítios, alguns deles com presenças campaniformes importantes, já objecto de duas sínteses recentes (VALERA & REBUGE, 2011; VALERA, 2013), aumentaram de forma muito significativa os conhecimentos sobre as características daquelas presenças.

Tais estudos regionais contribuíram para melhor alicerçar esta síntese, actualizando os elementos apresentados anteriormente pelo Autor, tendo presente as principais ocorrências conhecidas nas diversas áreas geográficas consideradas, bem a sua respectiva natureza (sítios habitados e necrópoles) (Fig. 3).

Os resultados obtidos, tendo também as respectivas cronologias absolutas, especialmente no que à Estremadura diz respeito, que é onde o registo material se afigura, de longe, mais rico e diversificado, conduziram ao estabelecimento de diversas hipóteses sobre as características da sociedade campaniforme, para além da demonstração da assinalável antiguidade da sua formação, tanto na Estremadura, como no norte e no sul do território português. Com efeito as primeiras manifestações campaniformes remontam aos primórdios do segundo quartel do 3.º milénio BC.

Por outro lado, na Estremadura, tendo em consideração a existência de espaços, habitados ou funerários, com espólios exclusivamente campaniformes, admitiu-se que se estaria na situação de coexistência de duas formações sociais coevas mas distintas, uma correspondente aos portadores de produções campaniformes, a par de outra, que não utilizava tais produções no seu quotidiano, no decurso de quase toda a segunda metade do 3.º milénio BC. Tal coexistência, na Estremadura, teria sido acompanhada da diferenciação interna da sociedade campaniforme, associada à emergência de elites cuja presença se encontra atestada por produções cerâmicas (vasos campaniformes marítimos), adornos auríferos e armas de cobre arsenical.

O incremento da importância destes *itens*, na transição para a Idade do Bronze, verificada ao longo do último quartel do 3.º milénio BC em todo o território português, pode ser associado à emergência de sepulturas individuais do tipo cista. Tal período de transição associa-se à existência de dois Horizontes arqueológicos epicampaniformes, um respeitante ao território a norte do Rio Tejo, o Horizonte de Montelavar, o outro ao território a sul do mesmo rio, o Horizonte de Ferradeira, ambos com *terminus* cerca de 1800 BC.

2 – A ESTREMADURA

Até época recente, as ocorrências de cerâmicas decoradas campaniformes quase se confundiam com a Estremadura, devido tanto à quantidade, como à diversidade de ocorrências, bem evidenciada pelos trabalhos de L. Salanova (SALANOVA, 2000, 2001), sendo excepcionais as evidências conhecidas para outras áreas geográficas.

Tal realidade permitiu a apresentação de uma primeira síntese, aína na década de 1970, segundo a qual a cerâmica campaniforme seria “[...] decomponível em três grupos principais tal como é possível concluir da

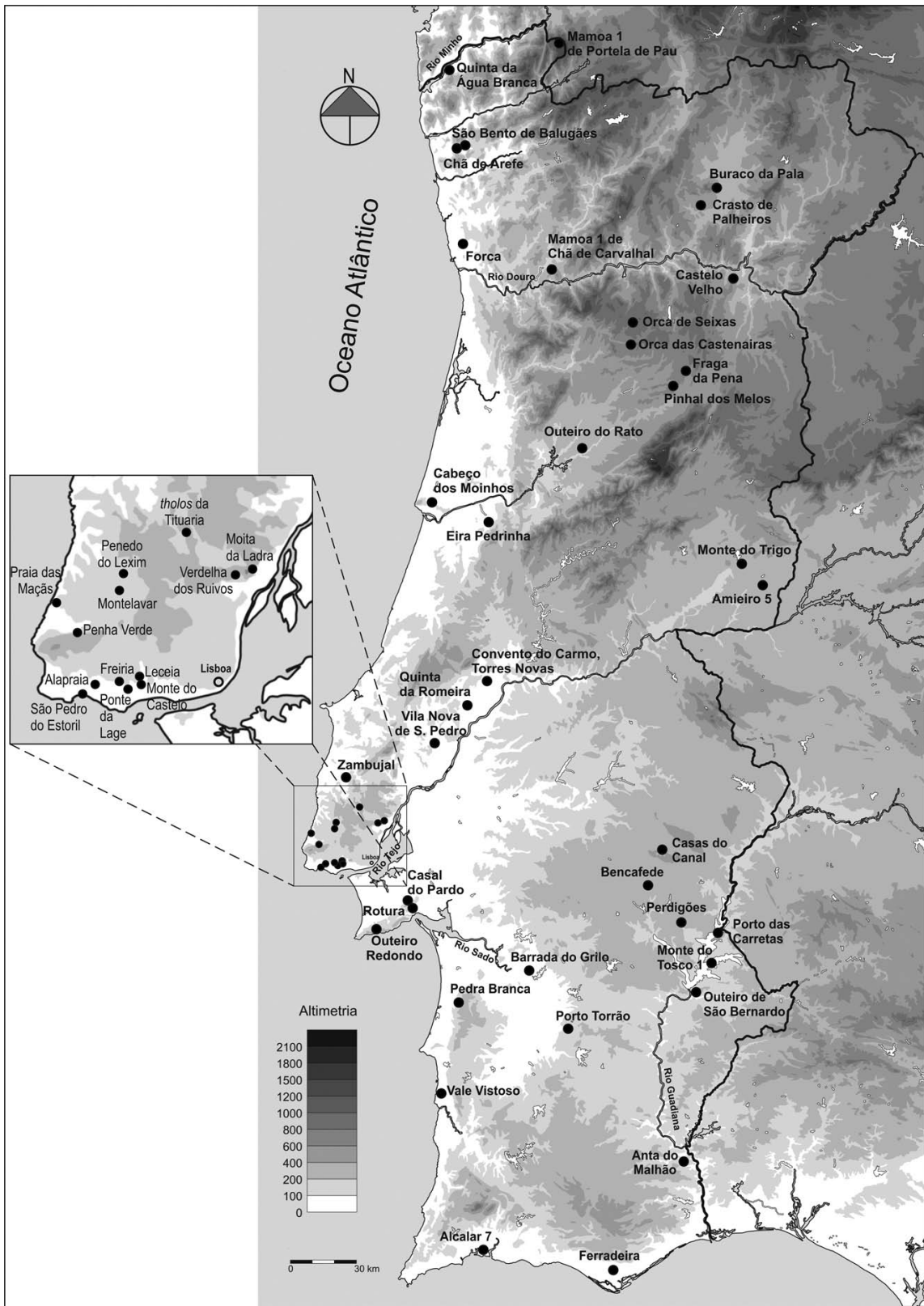


Fig. 3 – Principais ocorrências campaniformes no território português citadas no texto (seg. J. L. Cardoso).

análise tipológica e quantitativa dos materiais campaniformes provenientes das principais jazidas portuguesas” (SOARES & SILVA, 1974-1977, p. 101). Esses três grupos principais eram os seguintes:

- 1 – O Grupo Internacional, caracterizado pelo vaso “marítimo” AOO, de tipologia clássica, em forma de campânula invertida, com decoração a pontilhado de bandas horizontais interiormente preenchidas por segmentos com inclinação alternada (tipo *herringbone*, ou “espinha de arenque”), a que se junta outro tipo de decorações geométricas a pontilhado, presentes em vasos campaniformes e em caçoilas;
- 2 – O Grupo de Palmela, caracterizado pela taça Palmela, decorada a pontilhado e de lábio decorado, a par de outros recipientes, sobretudo caçoilas de diversas tipologias e dimensões, decoradas a pontilhado;
- 3 – O Grupo Inciso, caracterizado pela presença daquela técnica decorativa, aplicada a diversas formas de recipientes, como as caçoilas de diversas dimensões e as taças Palmela, com bordos aplanados e muito largos, profusamente decorados, onde os vasos “marítimos” escasseiam ou se encontram mesmo ausentes.

Embora os autores citados admitam a coexistência destes três grupos, o Grupo Internacional seria o mais antigo, seguido do Grupo de Palmela e este do Grupo Inciso, supostamente o mais recente dos três, cuja existência se prolongaria até à Idade do Bronze. A predominância de materiais característicos de um determinado grupo funcionaria como indicador cronológico para o contexto arqueológico em causa.

Pela mesma altura, T. Bubner apresenta sequência semelhante para as produções cerâmicas campaniformes, a que confere significado cronológico, tal como os autores citados, adicionando-lhe uma última etapa, correspondente às produções cerâmicas lisas, integráveis nos horizontes de Montelavar e de Ferradeira, adiante discutidos (BUBNER, 1979). Este contributo, centrado na publicação dos espólios campaniformes do Outeiro de São Bernardo (Moura), teve o mérito de ser o primeiro a inventariar as ocorrências campaniformes ao sul do Tejo, as quais, em boa parte, se encontravam inéditas.

R. J. Harrison (HARRISON, 1988), com base nas datas de radiocarbono conhecidas para contextos campaniformes da Península Ibérica, sugeriu que os estilos regionais, nomeadamente o inciso, surgiram e desenvolveram-se rapidamente, uma vez em uso os recipientes de tipo “marítimo”. Exemplo deste facto é a sepultura colectiva de Atalayuela (província de Logroño), onde a datação de esqueletos articulados, acompanhados de vasos campaniformes incisos, permitiu atribuir-lhe uma cronologia correspondente ainda à primeira metade do 3.º milénio BC. Mais recentemente, uma análise às datas de radiocarbono conhecidas para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal (CARDOSO & SOARES, 1992) veio chamar a atenção para a maior antiguidade do aparecimento do fenómeno campaniforme em contextos arqueológicos do território português, face à anteriormente considerada, que não ultrapassaria os meados do 3.º milénio BC.

O povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, detém importância relevante para a discussão desta realidade (Fig. 4). Assim, no interior da imponente e notável fortificação calcolítica, a presença de produções campaniformes só se verificaria a partir de meados do 3.º milénio BC, corporizando a fase final da sua ocupação (Fig. 5), misturando-se as produções campaniformes, essencialmente representadas por vasos marítimos e vasos com decoração geométrica pontilhada, a cerâmicas decoradas de estilos regionais (“folha de acácia” e “crucífera”), específicas à área da Baixa Estremadura. Esta realidade foi pela primeira vez definida nos finais da década de 1960, no povoado pré-histórico da Rotura, Setúbal (FERREIRA & SILVA, 1970; GONÇALVES, 1971), embora à época não lhe tenha sido atribuída a importância devida.

Com efeito, a escavação de duas cabanas campaniformes situadas na adjacência imediata da primeira linha defensiva de Leceia, onde as produções campaniformes são exclusivas, veio colocar, pela primeira vez, e de forma concreta, a hipótese de coexistência de duas comunidades de raízes culturais distintas na Baixa Estremadura, logo a partir dos inícios do segundo quartel do 3.º milénio BC (CARDOSO, 1997-1998). São estruturas de planta elipsoidal, embora de dimensões muito diferentes. Trata-se da *Cabana EN*, com cerca de 5 metros de comprimento máximo (Fig. 6) e da *Cabana FM*, com cerca do dobro daquele comprimento (CARDOSO, 1997-1998, 2000, 2001, 2004 a, 2014) (Fig. 7).

No interior da *Cabana EN*, recolheram-se 26 fragmentos campaniformes decorados, sem qualquer presença de fragmentos com decorações não campaniformes; predominam, com 21 exemplares, as decorações incisas, de onde se encontra ausente o vaso marítimo (Fig. 8). A coexistência desta cabana campaniforme com a ocupação campaniforme verificada no interior da fortificação encontra-se demonstrada pelas datações obtidas, embora seja evidente o contraste existente entre a tipologia de ambos os conjuntos campaniformes.

A segunda cabana (*Cabana FM*) possuía uma entrada, sublinhada por soleira e por duas ombreiras, voltadas para o exterior. Embora, tal como na anterior, o espólio cerâmico decorado fosse inteiramente constituído por materiais campaniformes, mais de 75% das decorações foram feitas a pontilhado, encontrando-se presentes em vasos marítimos e em grande variedade de outros recipientes, incluindo taças Palmela, caçoilas e taças em calote, onde também estão presentes as decorações incisas (Fig. 9). Sendo certo que houve coexistência destas diversas técnicas decorativas, devido à “vida curta” inerente à natureza da própria estrutura, uma conclusão desde já se evidencia: a coexistência de produções que, vistas isoladamente, seriam integradas nos três grupos definidos por J. Soares e C. Tavares da Silva, revogando assim os critérios de faseamento ou periodização das cerâmicas campaniformes por ambos propostos em 1977. Com efeito, as investigações mais recentes conduzidas tanto no norte como no sul do País vieram demonstrar a coexistência dos diversos tipos de produções, como adiante se verá, confirmando as observações realizadas na Cabana FM de Leceia.

Tão importante quanto a conclusão anterior, é o resultado das datações de radiocarbono obtidas por AMS. Com efeito, os resultados indicam que a ocupação daquela cabana é estatisticamente anterior à da Cabana EN,

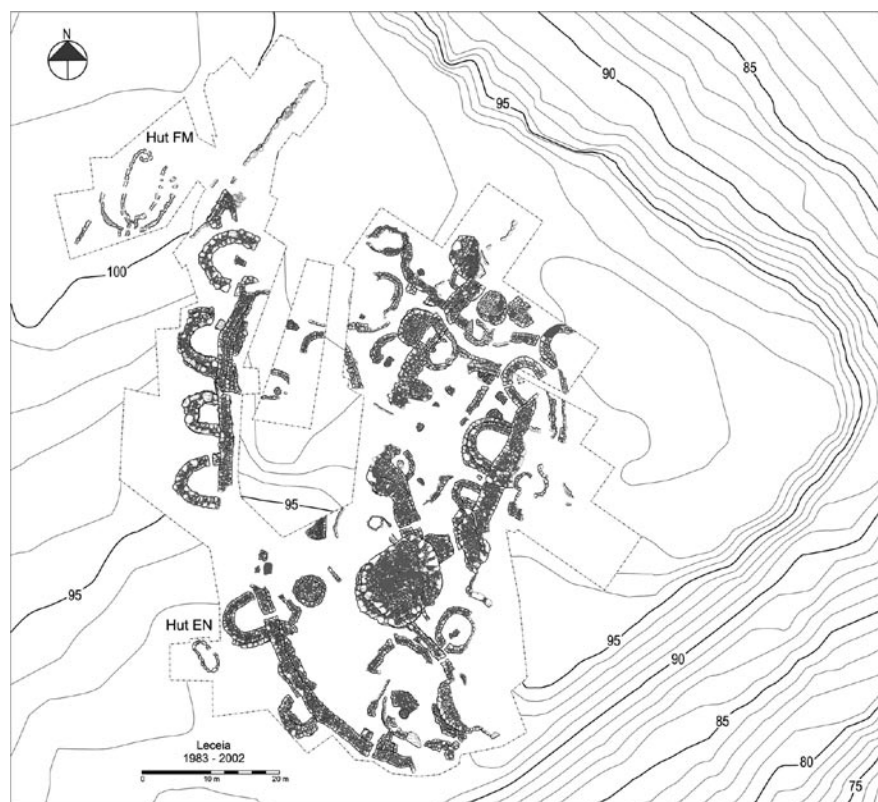


Fig. 4 - Planta do povoado fortificado de Leceia com indicação das duas cabanas campaniformes no exterior da primeira linha defensiva (seg. J. L. Cardoso).

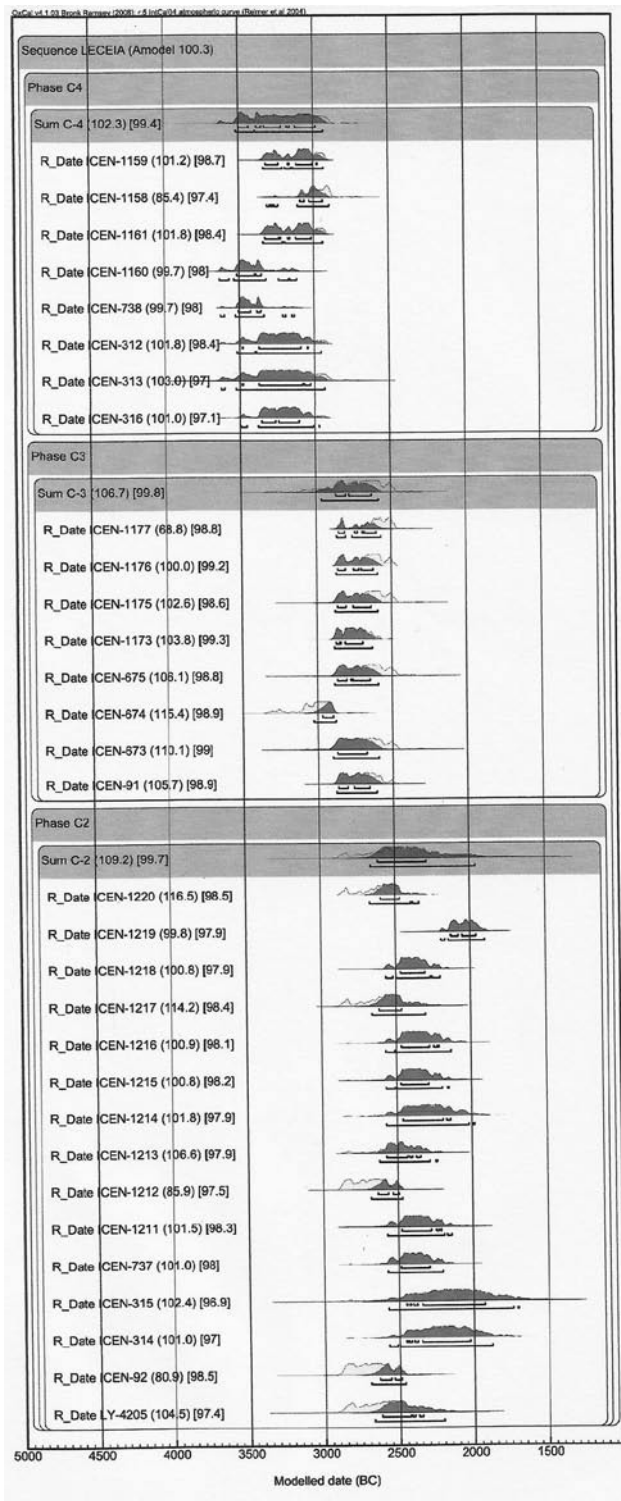


Fig. 5 – Datas de radiocarbono relativas ao povoado pré-histórico de Leceia. Legenda: C4 – Neolítico Final; C3 – Calcolítico pré-campaniforme (antigo Calcolítico Inicial); C2 – Calcolítico Pleno e Campaniforme (seg. J. L. Cardoso).

inscrevendo-se no segundo quartel do 3.º milénio BC (CARDOSO, 2014).

Esta conclusão veio confirmar os resultados obtidos no povoado fortificado do Zambujal. Com efeito, o estudo da distribuição estratigráfica do espólio cerâmico campaniforme efectuado neste povoado fortificado (KUNST, 1987, 1996), mostra que a presença de fragmentos campaniformes já é significativa na Fase 2 (Fig. 10), a qual foi datada por radiocarbono igualmente no segundo quartel do 3.º milénio BC (KUNST, 2010; KUNST & LUTZ, 2008, 2010-2011).

Deste modo, é lícito concluir que, na Baixa Estremadura, coexistiram desde o início do segundo quartel do 3.º milénio BC diversas tradições na produção de cerâmicas decoradas campaniformes, testemunhando vectores culturais distintos, que traduziriam a existência populações diferenciadas, admitindo-se a correspondência de culturas materiais distintas a grupos sociais de naturezas distintas, realidade que já de há muito havia sido indicada pelo autor, com base nos resultados obtidos em Leceia (CARDOSO, 1997-1998).

Por outro lado, como reforço a este modelo de ocupação do território, sem conflitualidade evidente, por parte de duas distintas comunidades, é de sublinhar a existência de sítios de importância assinalável, como são os povoados fortificados de altura do Penedo de Lexim, Mafra (Fig. 11) (SOUSA, 2010) e do Outeiro Redondo, Sesimbra (Fig. 12) (CARDOSO, 2013a; CARDOSO, SOARES & MARTINS, 2010-2011), onde as cerâmicas campaniformes não ocorrem, ou são residuais, ao contrário do que seria de prever. De facto, ambos os sítios não só se implantam na zona do país com maior concentração de estações campaniformes, mas também ambos foram ocupados no decurso da segunda metade do 3.º milénio BC, época da plena afirmação de tais produções, pelo que a sua ausência só poderá explicar-se por razões de carácter social.

No decurso desse largo período de coexistência, de cerca de 700 anos, entre grupos humanos de distintas raízes culturais, uns portadores de



Fig. 6 – Povoado fortificado de Leceia. Cabana EN (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 7 – Povoado fortificado de Leceia. Pormenor da entrada da Cabana FM (foto de J. L. Cardoso).

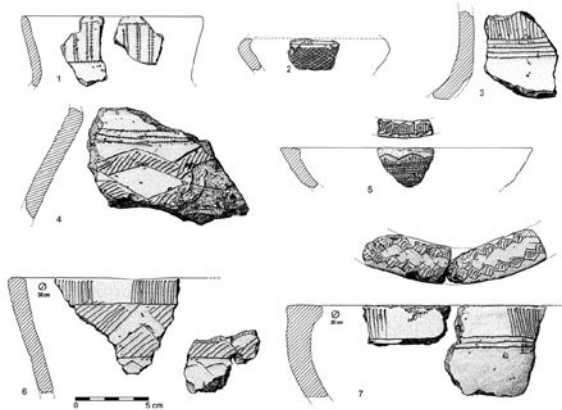


Fig. 8 – Povoado fortificado de Leceia. Materiais campaniformes da Cabana EN (seg. J. L. Cardoso).

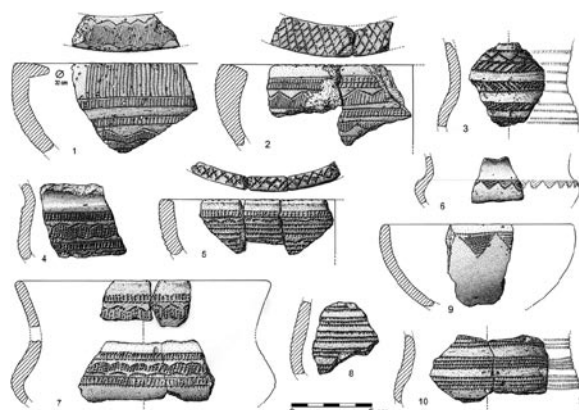


Fig. 9 – Povoado fortificado de Leceia. Materiais campaniformes da Cabana FM (seg. J. L. Cardoso).

produções campaniformes, outros fabricantes de recipientes decorados com padrões regionais não campaniformes, teria resultado, a breve trecho, não identificável pelo radiocarbono, certas produções campaniformes com características próprias e com formas de evidente incidência geográfica, das quais a mais expressiva é a taça Palmela. Com efeito, sendo este um recipiente muito comum nas estações em torno do estuário do Tejo, a sua ocorrência para norte torna-se progressivamente mais escassa, até desaparecer por completo na generalidade dos conjuntos do centro e do norte de Portugal: as ocorrências mais setentrionais situam-se na região do estuário do rio Mondego (Fig. 13), ocorrendo excepcionalmente a norte do rio Douro, conforme indica o espólio da

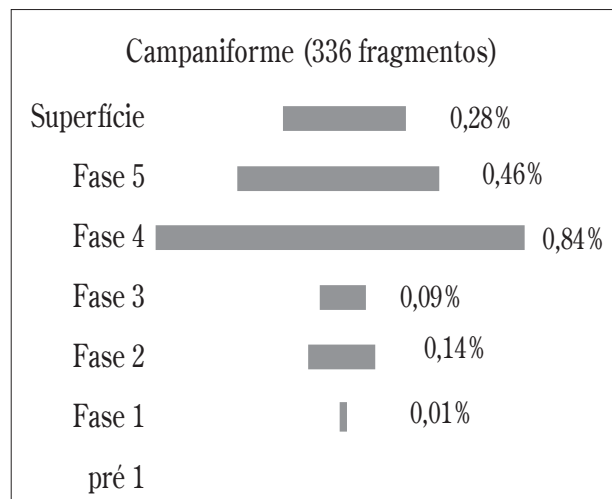


Fig. 10 – Distribuição estratigráfica das produções cerâmicas campaniformes no povoado fortificado do Zambujal (seg. M. Kunst).

mamoas 1 de Chã do Carvalho, Baião, como adiante se verá.

A ocupação do território da Baixa Estremadura, no decurso do campaniforme, seria estruturada em sítios de altura, que continuavam ocupados, como Leceia e Zambujal, ou construídos de novo, como Penha Verde, Sintra (CARDOSO, 2010-2011) (Figs. 14 e 15) e Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO & CANINAS, 2010) (Figs. 16 e 17). Estes sítios altos e fortificados, articulavam-se, por sua vez, com numerosos sítios abertos, em geral de pequenas dimensões, de carácter familiar, dedicados à exploração agro-pecuária intensiva e extensiva, abundantes, tanto a norte da Serra de Sintra (CARDOSO & CARREIRA, 1996), como entre esta e o estuário do Tejo. Destes, o mais importante até agora investigado é o pequeno povoado de encosta de Freiria, Cascais (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013) (Fig. 18), no qual, no tocante às cerâmicas decoradas, constituídas exclusivamente por produções campaniformes, escasseia o vaso “marítimo”, assumindo, em contrapartida, a técnica incisa uma importância acrescida, associada a recipientes de maiores dimensões, ditos de armazenamento (Fig. 19).

É interessante notar que as produções campaniformes da Freiria evidenciam afinidades com as da Meseta ibérica do grupo de Ciempozuelos, a que não faltam as decorações pseudo-excisas, ali tão abundantes, algumas delas com preenchimentos de pasta branca (Fig. 20, n.^{os} 4 a 6). Esta particularidade foi recentemente estudada nas produções campaniformes peninsulares (ODRIOZOLA *et al.*, 2012). Assim, na Galiza, foi utilizada massa constituída por talco, enquanto que na região da Meseta (grupo de Ciempozuelos) e no Guadalquivir (grupo de Carmona, ou de El Acebuchal) foi utilizado carbonato de cálcio. Enfim, na região do sudoeste peninsular, incluindo alguns exemplares portugueses, recorreu-se a osso moído. Embora o resultado fosse idêntico, os procedimentos tecnológicos eram muito distintos, revelando tradições culturais diferentes, inerentes aos respectivos oleiros.

Outro aspecto cultural revelado pelas cerâmicas campaniformes da Freiria é a presença esquemática de um veado, obtido por incisão (Fig. 20, n.^o 3), a que se juntam mais dois fragmentos, com a representação



Fig. 11 – Vista da chaminé vulcânica no topo da qual se implantou o povoado fortificado do Penedo de Lexim (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 12 – Vista obtida do mar do morro do Outeiro Redondo, à direita, no topo do qual se implantou o povoado fortificado (foto de J. L. Cardoso).

das armações (Fig. 20, n.ºs 1 e 2). No território português, existem diversos paralelos com a representação esquemática do corpo completo destes animais, inventariados aquando do estudo de uma taça Palmela oriunda do *tholos* da Tituaria (CARDOSO *et al.*, 1996), e cujo significado foi então discutido, também abordada em trabalho mais recente (DELIBES DE CASTRO & GUERRA DOCE, 2004). No território espanhol, trata-se também de motivo conhecido, tanto na Meseta – a começar pelo exemplar de há muito conhecido, proveniente da estação de Las Carolinas, Madrid (OBERMAIER, 1917) – como na Andaluzia (HARRISON, BUBNER & HIBBS, 1976, n.º 248).

É muito provável que parte da população de Freiria tivesse sido enterrada na vizinha gruta natural da Ponte da Lage, Oeiras (Fig. 21), dada a semelhança entre os espólios ali recuperados, dominados igualmente pelas produções incisas e pelos grandes recipientes de armazenamento (CARDOSO, 2013 b) (Fig. 22), bem como pelas datas de radiocarbono obtidas, compatíveis com tal possibilidade (Fig. 23).

Para além do povoado aberto da Freiria, outros sítios haveria, na região envolvente, susceptíveis de se poderem relacionar directamente com os inumados na gruta da Ponte da Lage. É o caso do Monte do Castelo, certamente de muito menores dimensões, correspondendo a uma pequena granja ou casal isolado, implantado em encosta suave (Fig. 24), igualmente dominado pelas produções campaniformes incisas (Fig. 25). A datação absoluta ali obtida corrobora a larga diacronia deste tipo de sítios, abrangendo quase toda a segunda metade do 3.º milénio BC, apesar da marcada uniformidade de produções largamente dominada pelas cerâmicas campaniformes incisas.

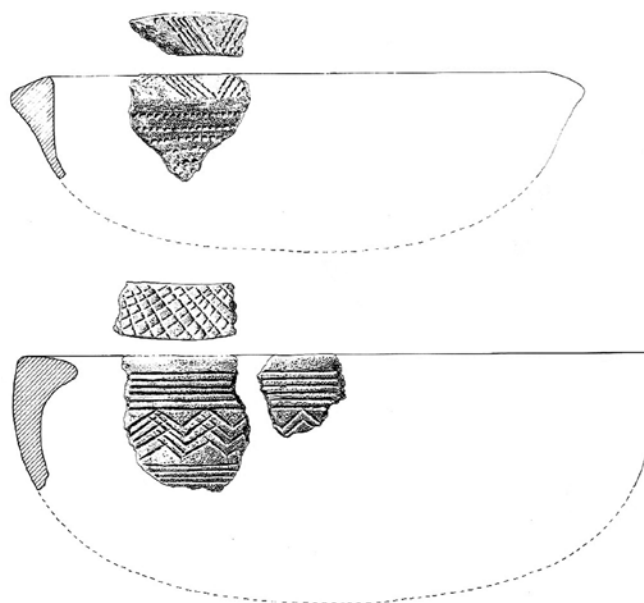


Fig. 13 – Fragmentos de duas taças Palmela, uma decorada a pontilhado, a outra incisa, recolhidas no dólmen do Cabeço dos Moinhos (seg. V. Leisner).



Fig. 14 – As duas cabanas circulares com materiais campaniformes do povoado fortificado da Penha Verde (seg. G. Zbyszewski & O. V. Ferreira).

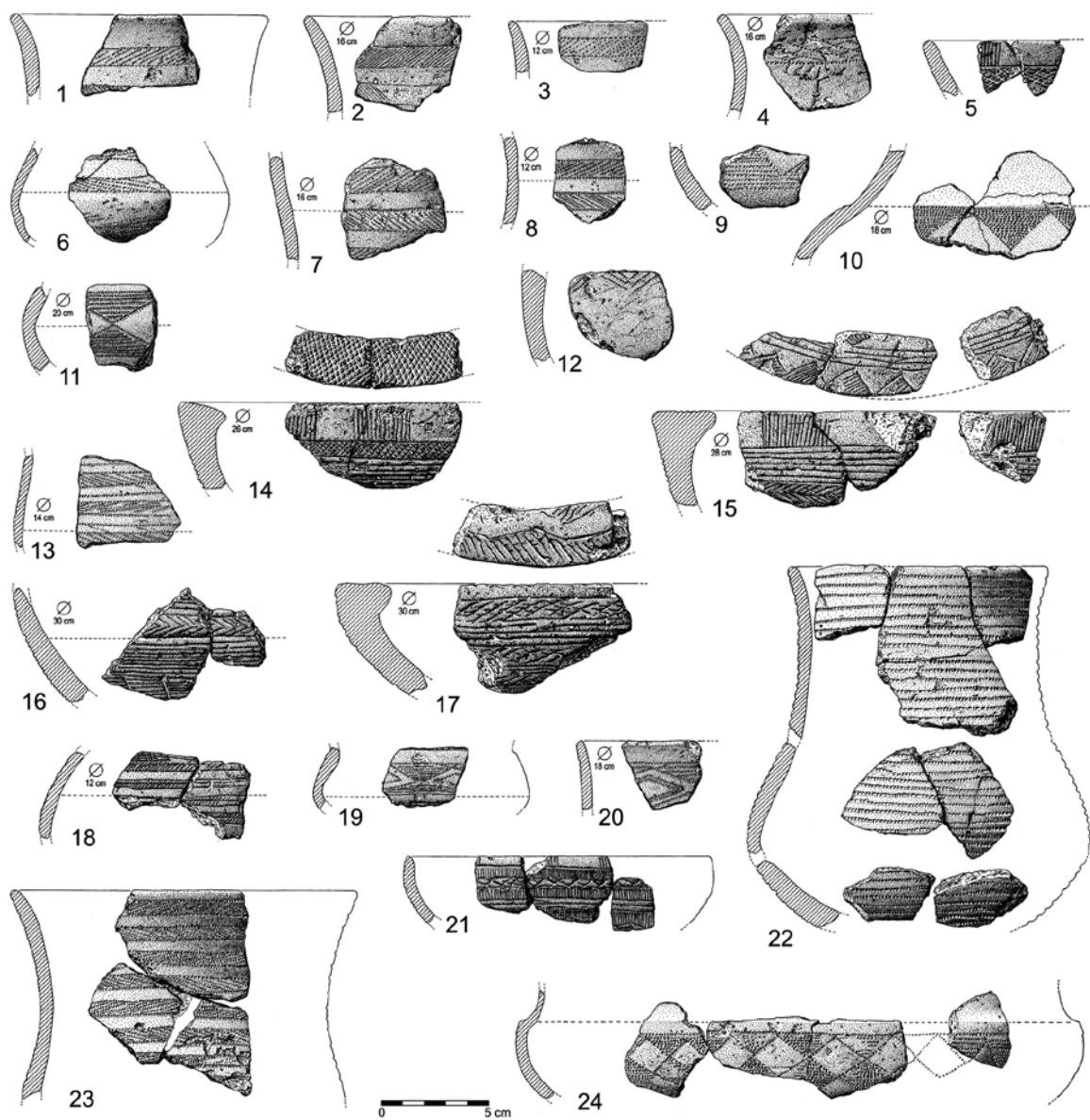


Fig. 15 – Produções cerâmicas campaniformes do povoado fortificado da Penha Verde: Cabana 1 (1 a 7); Cabana 2 (8 a 14), Fosso (15-20) (seg. J. L. Cardoso).

Estar-se-ia, assim, perante uma situação em que as elites, então emergentes, ocupariam os sítios altos e defendidos, utilizando essencialmente no seu quotidiano recipientes campaniformes de boa manufatura, correspondentes aos vasos marítimos – os quais seriam utilizados também para ingestão de bebidas alcoólicas (DELIBES DE CASTRO; GUERRA DOCE & TRESSERAS JUAN, 2009), talvez reservadas às elites e que poderiam ter também um cunho ritual – enquanto que, sobre as comunidades dispersas pelos núcleos abertos adjacentes, recairiam as actividades produtivas, corporizadas por recipientes cerâmicos de manufatura mais grosseira, sobretudo çaoilas de grandes dimensões com decorações incisadas, destinadas ao armazenamento, e onde faltam, ou escasseiam, os vasos marítimos de cuidadas decorações do tipo AOO lineares ou de bandas.

Enfim, o aproveitamento generalizado de sepulcros pré-existentes para tumulações campaniformes é uma realidade na Estremadura, que é extensiva a outras regiões do país; assim, boa parte das grutas naturais, grutas artificiais, dólmenes, e até sepulturas de falsa cúpula, foram reutilizadas nesta época, o que revela a manutenção desses lugares como referências memoriais dos antecessores. Tal realidade configura um acto de apropriação simbólica, como legitimação da exploração dos mesmos territórios, agora ocupados por populações portadoras de cerâmicas campaniformes, e por elas explorados de forma intensiva e extensiva.

Na Estremadura ou áreas limítrofes, apenas em dois casos se observaram a utilização de instalação de necrópoles exclusivamente campaniformes. Trata-se da gruta artificial do Convento do Carmo, Torres Novas, actualmente em estudo (informação gentilmente prestada por António Faustino Carvalho); e da gruta natural de Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira (Fig. 26), a qual evidenciou um espólio campaniforme coerente, onde a presença de vasos marítimos é excepção (apenas um exemplar com decoração linear pontilhada) apesar da assinalável antiguidade do conjunto datado pelo radiocarbono em torno de meados do 3.º milénio BC (CARDOSO, 2014).

Entre outras situações de reutilização campaniformes de sepulcros, avulta o caso do *tholos* de Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996), onde, na câmara do monumento, já então colapsada, se realizaram diversas tumulações individuais em covacho, utilizando em parte lajes da falsa cúpula já então derruída (Fig. 27). Como acima se referiu, provém de uma destas sepulturas uma taça Palmela com representação de cervídeos, a par de outras produções campaniformes, que, apesar de tipologicamente muito distintas, como é um caso de vaso campaniforme com decoração linear pontilhada, foram de deposição cronológica próxima, evidenciando, uma vez mais, a sincronia do fabrico de tais exemplares (Fig. 28).

Na gruta artificial 1 de São Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, RIBEIRO & PAÇO, 1964), foi possível isolar uma tumulação campaniforme, denunciada pelo alinhamento de onze botões de osso ou marfim, os



Fig. 16 – Fotografia aérea do povoado fortificado de Moita da Ladra, implantado no topo de uma chaminé vulcânica (foto de J. L. Cardoso).

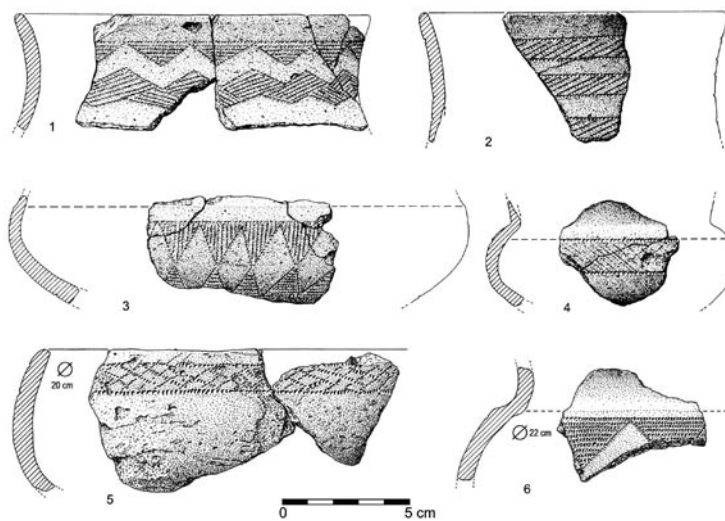


Fig. 17 – Cerâmicas campaniformes do povoado fortificado de Moita da Ladra (seg. J. L. Cardoso/B.L. Ferreira).

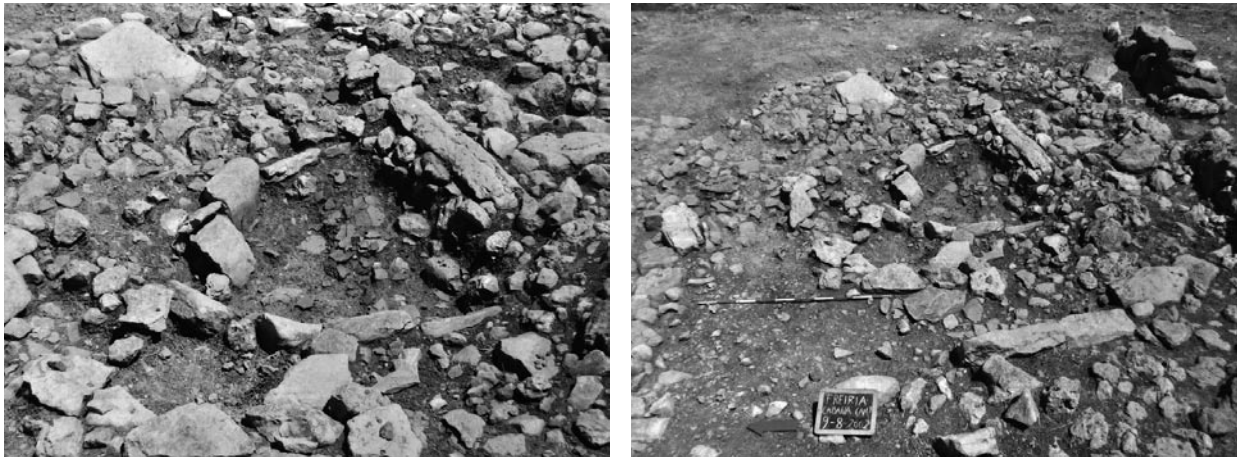


Fig. 18 – Foto das estruturas de combustão existentes no interior de uma cabana de planta subcircular do povoado aberto de Freiria (seg. J. L. Cardoso, G. Cardoso & J. d'Encarnação).

quais sugerem a existência de uma túnica ou capote protegendo o corpo do inumado (Fig. 29). Neste sepulcro, merece destaque a recolha de duas espirais de ouro, cuja utilização como anel se comprovou, por se ter conservado num caso a respectiva falange humana. Esta foi datada, conduzindo ao resultado de 2330-2060 cal BC, para cerca de 95% de probabilidade (GONÇALVES, 2008, p. 492), sublinhando o carácter tardio da joalharia aurífera campaniforme, que se prolongou em continuidade pela época epicampaniforme (horizontes de Ferradeira e de Montelavar), como adiante se verá (Fig. 30).

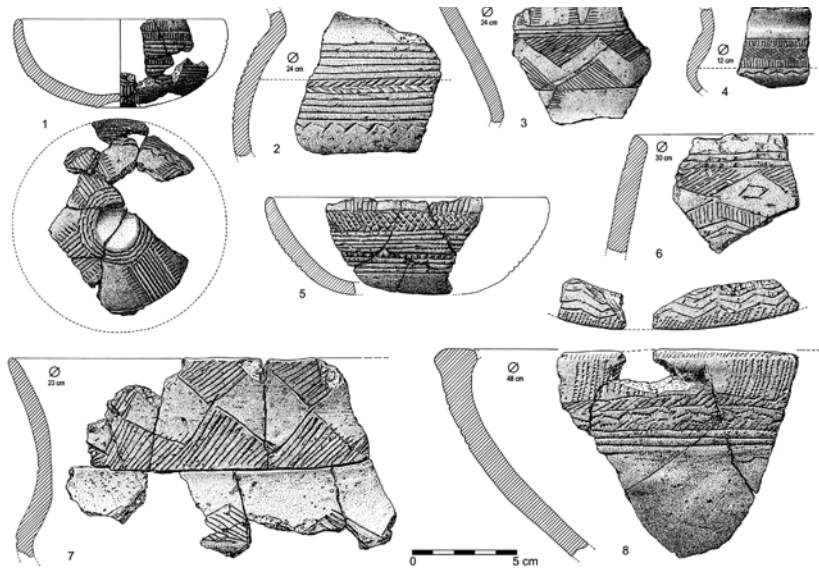


Fig. 19 – Cerâmicas campaniformes do povoado aberto de Freiria (seg. J. L. Cardoso, G. Cardoso & J. d'Encarnação).

É ainda daquela gruta artificial que provêm também duas raras taças campaniformes com pé, cuja afinidade com as produções andaluzas de El Acébuchal, Carmona são evidentes, aliás já patentes numa caçoila da Tituaria, que se juntam aos notáveis espólios campaniformes da gruta artificial 2 de Alapraia, Cascais, situada apenas a 1,5 km de distância, resultantes também da sua reutilização funerária com destaque para um vaso marítimo clássico (JALHAY & PAÇO, 1941).

No quadro das reutilizações de sepulcros pelas populações campaniformes da Estremadura, avultam os resultados obtidos na gruta artificial da Praia das Maças, Sintra (Fig. 31), complexo monumento funerário que foi modificado no decurso do Calcolítico pela construção de uma falsa cúpula, cobrindo a câmara principal do hipogeu, conforme evidenciam as sucessivas reutilizações do mesmo, das quais a campaniforme foi a derradeira delas (Fig. 32) (GONÇALVES, 1982-1983).

Enfim, por possuírem já um valor histórico, no quadro da Arqueologia europeia, importa referir as grutas artificiais de Casal do Pardo (Quinta do Anjo), Palmela (Fig. 33). Delas provêm produções campaniformes conhecidas desde 1878, embora existam sempre observações que importa assinalar: uma é a existência de restos humanos (um fémur quase completo e uma vértebra lombar) conservados dentro de um vaso marítimo clássico (Fig. 34). O fémur foi datado, obtendo-se o resultado, para cerca de 95% de probabilidade, de cerca de 2700-2400 cal BC (CARDOSO & SOARES, 1990-1992), intervalo que está em consonância com a cronologia do campaniforme na região. Outra peça que merece destaque é a existência de um vaso marítimo de padrão clássico de bandas preenchidas interiormente em sentidos alternados, porém executadas por incisão, e não por impressão (Fig. 35). Este exemplar, que já havia sido reproduzido no estudo de C. Ribeiro de 1878, possui interesse por reforçar a conclusão da coexistência de diversas técnicas decorativas, dado serem os mesmos os padrões decorativos, bem como os recipientes aos quais se encontram aplicados.

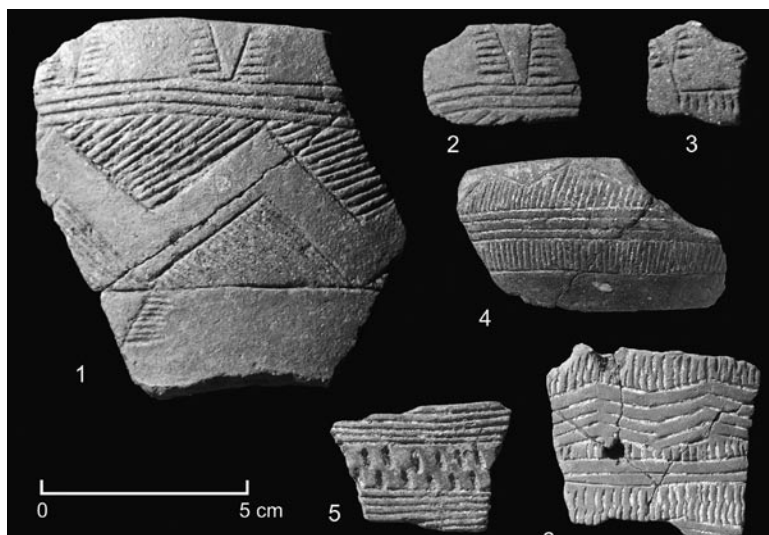


Fig. 20 - Seleccion de produções campaniformes recolhidas no povoado aberto de Freiria: 1 a 3 - representações de veados ou de prótomos de veados (armações); 4 a 6 - fragmentos cujas decorações se encontram preenchidas a pasta branca (seg. J. L. Cardoso, G. Cardoso & J. d'Encarnação).



Fig. 21 - Entrada da gruta natural da Ponte da Lage, sobre a margem esquerda da ribeira do mesmo nome (foto de J. L. Cardoso).

3 - O SUL (ALENTEJO E ALGARVE)

No Alto e no Baixo Alentejo, bem como no Algarve, conhecem-se materiais campaniformes, oriundos tanto de sítios de carácter habitacional, como de necrópoles. Os que se referem de seguida podem considerar-se os mais relevantes dos até agora publicados.

No povoado do Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, defendido por sistema de fossos, com cerca de 100 hectares, foi apenas escavada ínfima parte (ARNAUD, 1993), recentemente completada pela publicação de novos trabalhos arqueológicos ali realizados (VALERA & FILIPE, 2004).

A Camada 1, correspondente à presença campaniforme, que de início se julgava circunscrita à zona nuclear da estação (uma pequena elevação), foi datada pelo radiocarbono. Determinaram-se duas datas a partir do

fraccionamento de uma única amostra de ossos, obtendo-se um valor que é a média ponderada de ambos. Para cerca de 95% de probabilidade, o intervalo correspondente obtido foi de 2823-2658 a.C. Este resultado sugere, a par dos resultados obtidos no Zambujal e em Leceia (CARDOSO & SOARES, 1990-1992), uma insuspeitada e ainda até então não assumida antiguidade para a presença campaniforme no ocidente peninsular. No caso em apreço, essa presença é representada quase exclusivamente, no que se refere à cerâmica, por decoração a pontilhado, aplicada a vasos marítimos, a caçoilas e

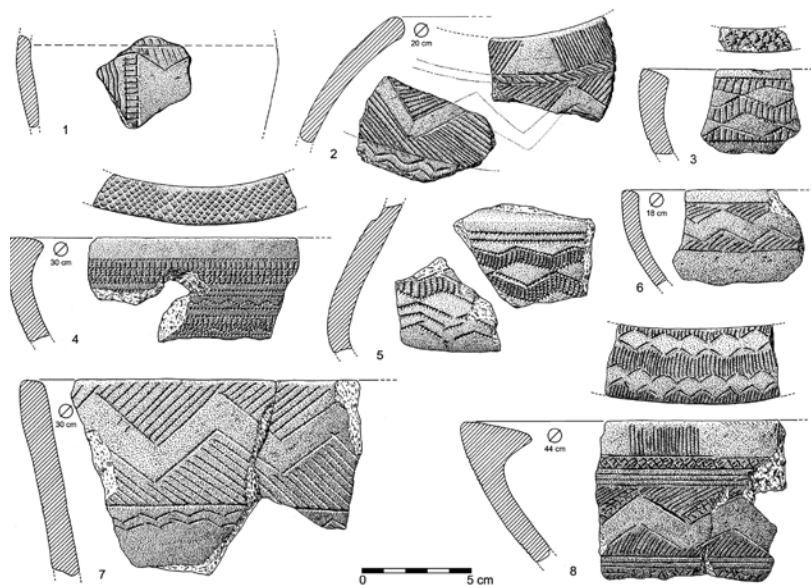


Fig. 22 – Cerâmicas campaniformes da gruta natural da Ponte da Lage (seg. J. L. Cardoso).

a pequenas taças hemisféricas. Além disso, o complexo campaniforme de Porto Torrão engloba um vaso no estilo AOC (*all over corded*), raríssimo em contextos peninsulares (a que se deverão somar mais dois exemplares, adiante referidos, um botão em osso com perfuração em V, um braçal de arqueiro e uma pequena placa de ouro batido.

Por outro lado, a caracterização química e mineralógica da cerâmica recolhida, quer nas camadas pré-campaniformes quer campaniformes, por J. Peixoto Cabral e colaboradores, indica fabrico local. Segundo J. M. Arnaud (ARNAUD, 1993, p. 46), “[...] parece ter havido uma continuidade de ocupação deste local entre a fase em que a cerâmica campaniforme ainda não era conhecida e a fase em que a mesma surge com relativa abundância. Essa continuidade é sugerida pelo facto de, com excepção da cerâmica campaniforme, da metalurgia do ouro e do braçal de arqueiro, não se ter verificado a introdução de qualquer outro elemento novo na cultura material característica da última fase da ocupação pré-histórica deste povoado”.

As escavações de 2003 vieram pormenorizar a presença das produções campaniformes: observou-se, na estratigrafia do preenchimento de um dos fossos que defendiam a área habitada (Fosso 2) o predomínio do chamado “Grupo internacional” nos níveis inferiores e o do chamado “Grupo de Palmela”, nos níveis superiores (ou “Pontilhado Geométrico”), ao qual, nos níveis posteriores ao enchimento do fosso, se reúne o “Grupo inciso” (VALERA & FILIPE, 2004). Contudo, estas observações vieram mais recentemente a serem muito relativizadas, visto que no enchimento do referido Fosso 2, segundo as novas observações do primeiro autor do estudo anterior “[...] convivem diferentes estilos (internacional, pontilhado geométrico e inciso) datados de toda a segunda metade do 3.º milénio [...]” (VALERA, 2014). Desta forma, estas observações vêm corroborar em absoluto as considerações anteriormente apresentadas no que à coexistência dos diversos grupos de produções cerâmicas campaniformes diz respeito.

Outro povoado que importa valorizar é o do Outeiro de São Bernardo, Moura, com boas condições naturais de defesa, perto do rio Guadiana, embora se desconheça se era fortificado ou não. Foram inventariados onze fragmentos de recipientes campaniformes, dos quais dez incisos (vasos campaniformes e caçoilas de grandes dimensões) (BUBNER, 1979). Este espólio, tipologicamente muito coerente, é acompanhado de um conjunto metálico (Fig. 36) recolhido por certo em área limitada da estação (CARDOSO, SOARES & ARAÚJO, 2002).

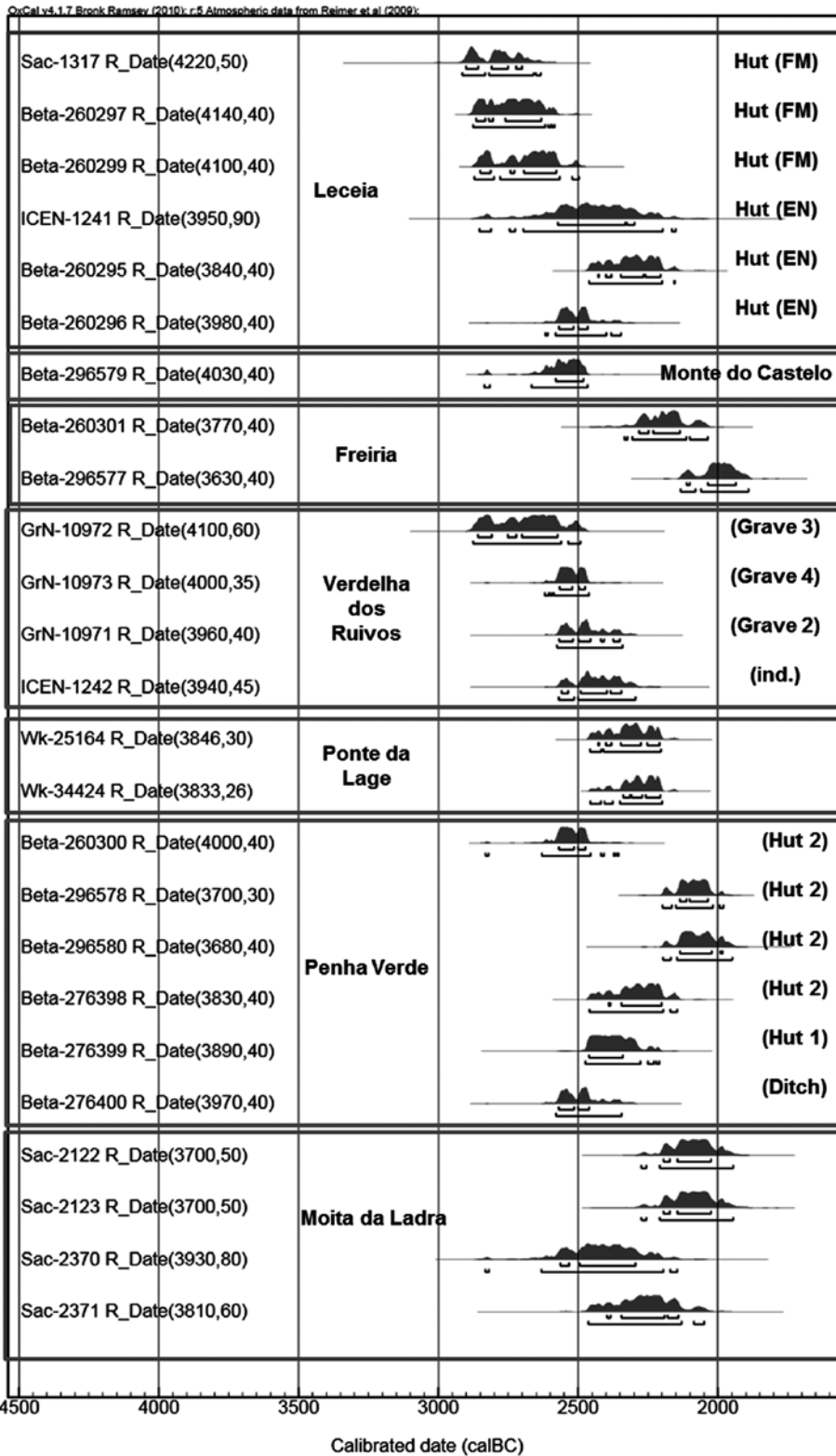


Fig. 23 – Datações radiocarbónicas obtidas para as estações campaniformes da Estremadura portuguesa mencionadas no texto (seg. J. L. Cardoso).

Nele se incluem peças caracteristicamente campaniformes, ou de tradição campaniforme, como uma ponta Palmela e um punhal de lingueta, para além de uma rara ponta de javalina, que confere ao conjunto metálico particular interesse. As análises químicas realizadas por XRF dispersiva de energias, sublinharam tal realidade, ao evidenciarem o carácter homogéneo da sua composição (cobre + arsénio, este como elemento vestigial) e, por conseguinte, a elevada probabilidade de utilização de uma mesma tecnologia de fabrico e do recurso às mesmas fontes de abastecimento. A ponta de javalina é produção muito rara, cujos únicos paralelos peninsulares se resumem ao célebre conjunto do dólmen de La Pastora (Sevilha), às duas peças soltas recolhidas à superfície no povoado de La Pijotilla (Badajoz) e, bem mais próximo, ao exemplar mutilado recolhido em escavação arqueológica no Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). A sua presença confere um carácter tardio ao conjunto metálico, situável nos últimos séculos do 3.º milénio BC.

A importância do espólio metálico em apreço, que poderia também fazer parte de um depósito, à semelhança do conjunto recentemente publicado de São Brás, Serpa (SOARES, 2013 a), confere ao povoado do Outeiro de S. Bernardo o estatuto de sítio central do comércio de artefactos de cobre (hipótese reforçada pelo achado de um possível lingote), podendo tais peças integrar-se em circuitos transregionais (incluindo matérias-primas, como o cobre, sob a forma de lingotes) estabelecidos no decurso do Calcolítico entre a Estremadura portuguesa e o Alentejo. Este papel de destaque na coordenação destas actividades de comércio e de troca é ainda reforçado, por um lado, pela posição estratégica do sítio face ao vale do Guadiana e, por outro, pela sua proximidade das minas pré-históricas de cobre existentes na margem esquerda do Guadiana, explorando, tanto o cobre nativo, como os carbonatos cupríferos (SOARES, 1992). Esta realidade é consentânea com a conhecida na região de Badajoz, na qual os povoados com espólios campaniformes, foram os que mais se dedicaram às actividades metalúrgicas.



Fig. 24 – Implantação na paisagem do casal agrícola ou granja campaniforme do Monte do Castelo, em suave encosta da margem direita da ribeira de Barcarena (foto de J. L. Cardoso).

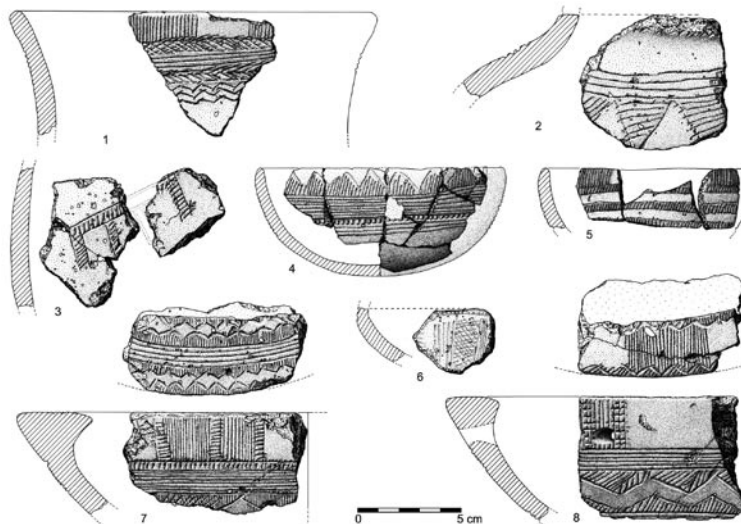


Fig. 25 – Cerâmicas campaniformes do Monte do Castelo (seg. J. L. Cardoso).

Do Porto das Carretas, Mourão, sítio fortificado calcolítico sobre o Guadiana, cuja implantação, tal como a do sítio anterior, revela a sua importância estratégica no comércio transregional do cobre, ao longo do rio Guadiana, provém um importante mas limitado conjunto de cerâmicas campaniformes exclusivamente representadas por vasos marítimos e outros recipientes decorados a pontilhado (Fig. 37), associado a uma unidade habitacional, de planta curvilínea e embasamento de alvenaria, a *Cabana M 13* (Fig. 38) (SOARES, 2013 a). Ainda pertencente à ocupação campaniforme, é a base de um forno, possivelmente metalúrgico, visto que, na sua envolvente, foram recolhidos pingos de fundição de cobre, o que é compatível com o consabido pendor metalúrgico da economia campaniforme. A cronologia absoluta da ocupação campaniforme foi estabelecida com base em três datas sobre restos vegetais (*Pinus pinea* e *Olea* sp.), que deram, para cerca de 95% de probabilidade, os seguintes intervalos: 2560-2290; 2460-2210; 2470-2140 cal BC (SOARES, 2013 b).

A cerca de 10 km do Porto das Carretas situa-se o Monte do Tosco 1, Mourão: trata-se de povoado calcolítico provido de uma estrutura pétrea de delimitação/contenção/fortificação (VALERA, 2013); nele se detectou um importante conjunto campaniforme, liso e decorado; 32 dos 38 recipientes individualizados reportam-se a uma cabana (*Cabana 1*) cujo embasamento era constituído por muro de alvenaria (VALERA,

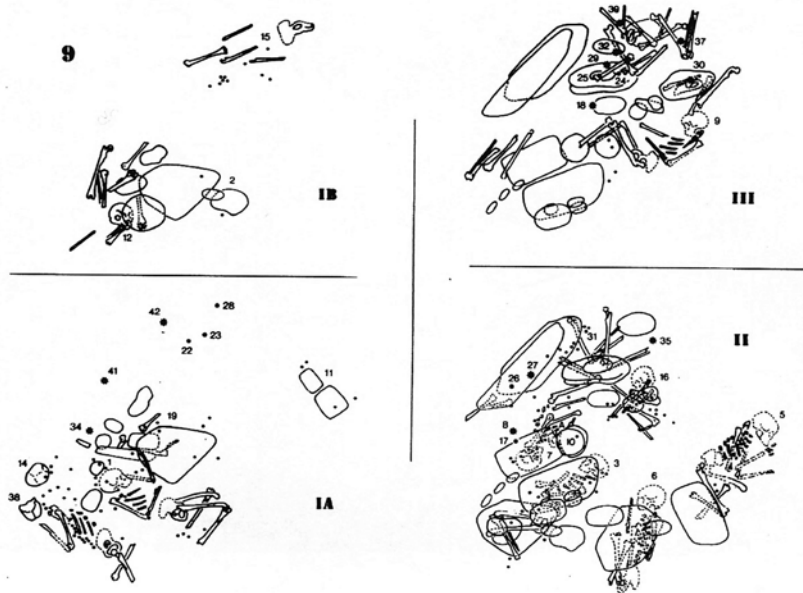


Fig. 26 – Vista da gruta natural da Verdelha dos Ruivos, depois das escavações nela realizadas (arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso) e as sucessivas deposições funerárias identificadas, observando-se a posição fetal dos corpos (seg. O. da Veiga Ferreira & M. Leitão).



Fig. 27 – Vista parcial da câmara do *tholos* da Tituaria, correspondendo ao nível a que se realizaram diversas sepulturas campaniformes, reaproveitando as lajes caídas da falsa cúpula (seg. J. L. Cardoso e col.).

2000 a, Figs. 5 e 6). 19 recipientes permitiram reconstituição, decompondo-se por 7 vasos campanulados, 6 caçoilas, das quais uma lisa, e 6 taças pequenas em calote. As decorações, exclusivamente incisadas ou incisadas/impressas, foram por vezes preenchidas a pasta branca, tal qual o observado em certos fragmentos do sítio da Freiria, acima referido; pela organização e temática, inscrevem-se claramente no conjunto dos campaniformes meseténicos do grupo de Ciempozuelos.

Como é normal, estes materiais eram acompanhados por testemunhos da prática metalúrgica e por produções metálicas, com destaque para um punhal de lingueta. A presença campaniforme corresponde à segunda fase de ocupação da estação, sucedendo-se a uma presença reportável ao Calcolítico Pleno. Tudo leva a crer que existiu um hiato entre ambas, já que, nalguns sectores, “os materiais campaniformes ocorrem entre os derrubes e escorrências que se sobrepõem às ocupações do Calcolítico Pleno” (*op. cit.*, p. 48), restringindo-se a ocupação campaniforme, como em outros povoados, à parte nuclear da anterior ocupação calcolítica (como em Leceia, Monte da Tumba, Porto das Carretas, Porto Torrão e Perdígões). Importa referir que, tal como o anteriormente observado noutros sítios com presenças campaniformes, os artefactos de cobre são mais frequentes nesta fase encontrando-se, em particular, relacionados com a *Cabana 1*.

A exclusiva presença de vasos marítimos, no Porto das Carretas, dentro do conjunto campaniforme, contrasta com a exclusividade de vasos incisados, de tipo Ciempozuelos no Monte do Tosco 1, situado a apenas cerca de 10 km de distância. Tal situação assume grande interesse na discussão das modalidades da própria afirmação do “fenómeno” campaniforme no interior alentejano, já que não é esperável que a cronologia do

Monte do Tosco 1 seja muito diferente da do Porto das Carretas, remetendo, uma vez mais, para distintas origens culturais dos correspondentes portadores destes diferentes tipos de produções, que circulariam pela região, nela se fixando durante algum tempo em sítios permanentes e fortificados.

O vasto sítio dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, apresenta-se delimitado por um complexo sistema de fossos (Fig. 39), que ainda se encontra em curso de escavação, pelo que as informações fornecidas pelos escassos 33 fragmentos campaniformes publicados, que correspondem ao número mínimo de 19 recipientes, terão de ser encaradas como provisórias. A sua distribuição espacial sugere a existência de uma concentração em torno da área central da ocupação calcolítica pré-campaniforme (LAGO *et al.*, 1998). A estes haverá que somar mais 6, perfazendo o total de 39 fragmentos.

No respeitante às técnicas decorativas, apenas 7 são decorados a pontilhado; um revelará a presença simultânea da técnica pontilhada e da incisa; os restantes são incisos. A tipologia decorativa deste grupo revela assinalável homogeneidade, indicando filiação directa no grupo da Meseta, do tipo Ciempozuelos, onde não faltam alguns fragmentos decorados com uma métopa simples de zigue-zagues, do lado interno do bordo, característicos daquelas produções cerâmicas (Fig. 40). Desta forma, pode concluir-se que, enquanto neste grande sítio delimitado por fossos, coexistiram diversos tipos de produções, tal qual o observado no Porto Torrão, nos sítios mais pequenos, da mesma região, as diferenças acentuam-se, o que é compatível com a anterior alusão à existência de grupos humanos de origens culturais distintas, uns relacionados directamente com a Meseta (Ciempozuelos), outros revelando relações mais prováveis, ainda que indirectas, com o litoral atlântico (vasos marítimos). Apenas nos sítios de maiores dimensões, constituídos em locais centrais à escala regional, teriam a capacidade de atrair as diversas comunidades campaniformes, que aí poderiam coexistir pacificamente. Contudo, importa não generalizar esta realidade, dado que, se as ocorrências de campaniformes marítimos configuram, no território peninsular, uma distribuição geográfica essencialmente litoral, observa-se, no centro da Península, uma vasta área onde tais produções ocorrem (BUENO RAMIREZ; BARROSO BERMEJO & VÁZQUEZ CUESTA, 2008, Fig. 13.1) (Fig. 41).

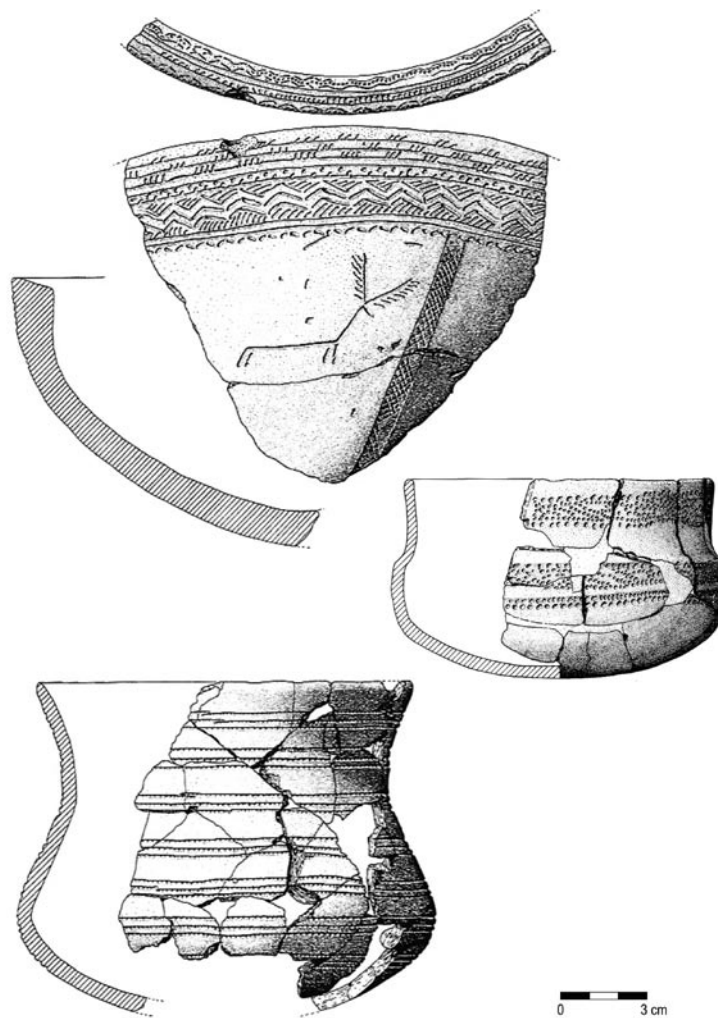


Fig. 28 – Vasos campaniformes recolhidos no *tholos* da Tituarria, associados à reutilização funerária do monumento (seg. J. L. Cardoso e col.).

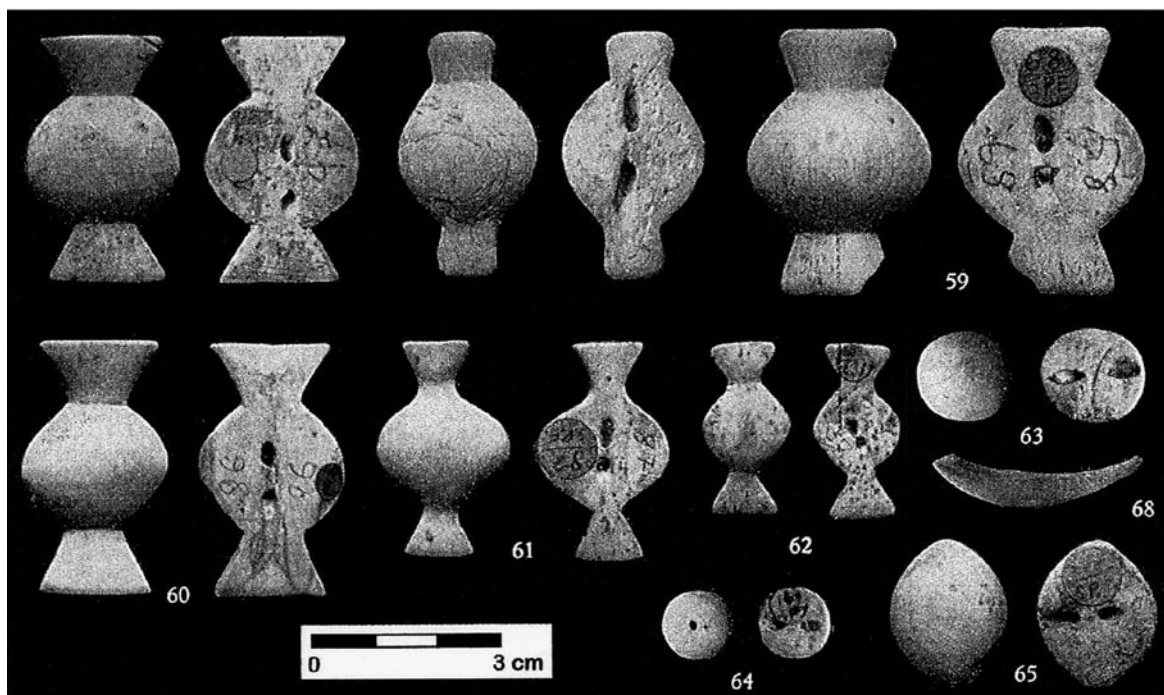
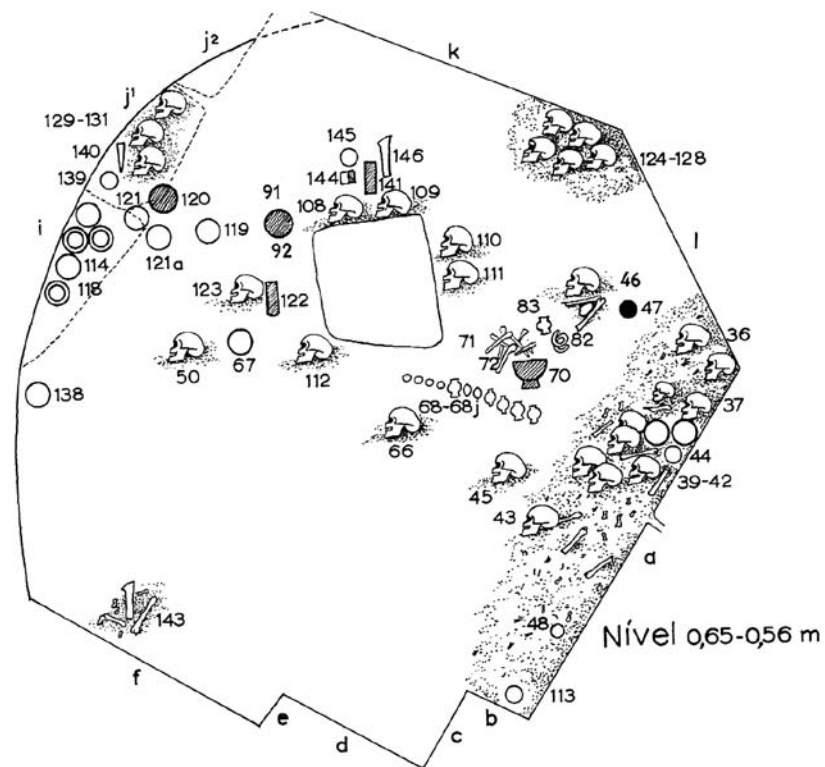


Fig. 29 – Planta de um dos planos de escavação da gruta artificial 1 de S. Pedro do Estoril, observando-se alinhamento de botões campaniformes, relacionados com peça de vestuário envergada pelo corpo ali depositado, e conjunto de exemplares ali recolhidos (seg. V. Leisner, A. do Paço & L. Ribeiro).

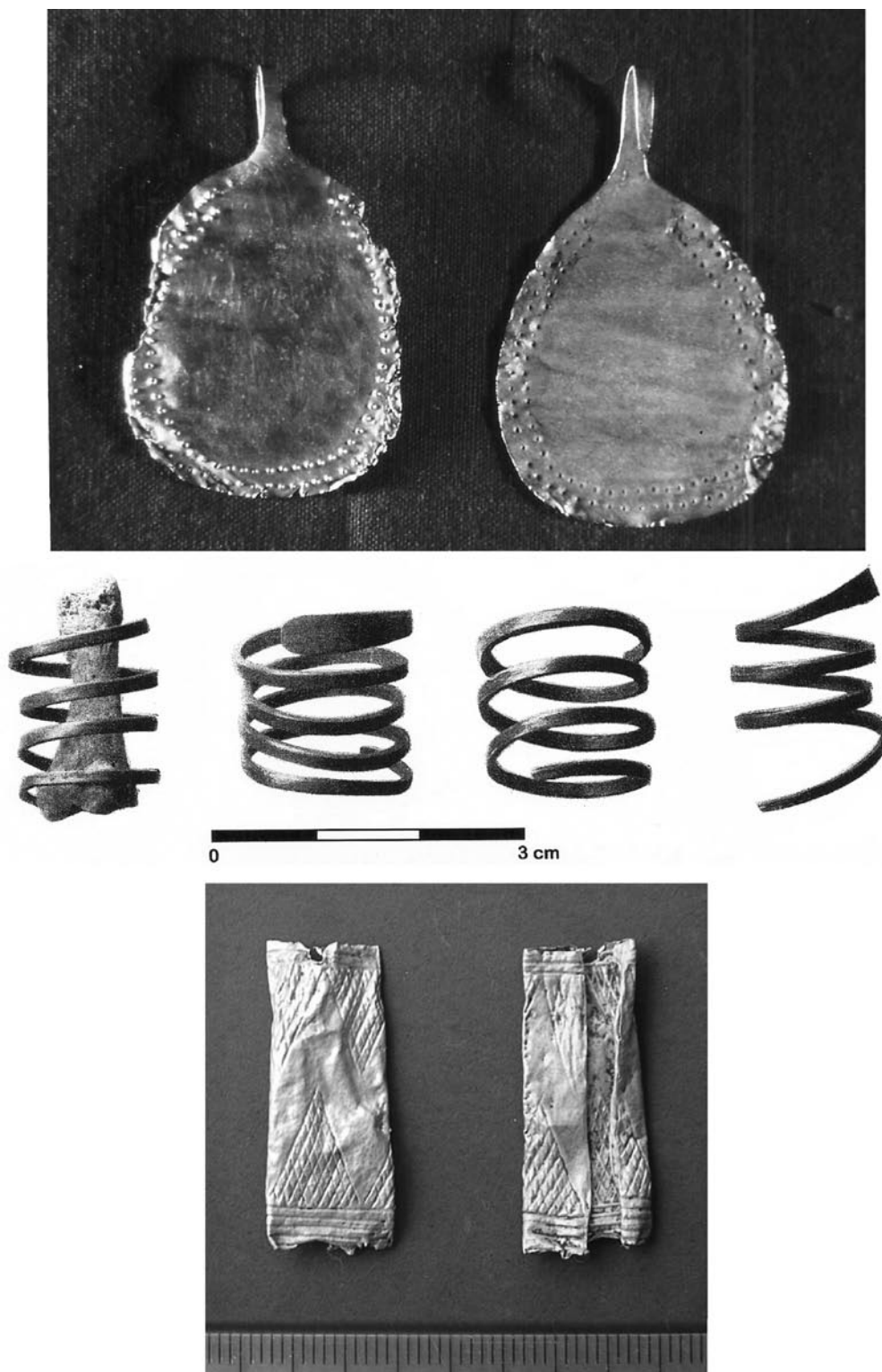


Fig. 30 – Conjunto de jóias auríferas campaniformes da Estremadura. Em cima: par de brincos da gruta artificial de Ermegeira (arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso); ao centro: conjunto de espirais da gruta artificial 1 de S. Pedro do Estoril, um deles conservando ainda a falange humana, comprovando-se que fora utilizada como anel (seg. V. Leisner, A. do Paço & L. Ribeiro); em baixo: chapa de ouro batido decorada por linhas incisadas, do povoado fortificado de Moita da Ladra (foto de J. L. Cardoso).

Neste contexto, assume interesse a referência à Barrada do Grilo, Alcácer do Sal, correspondendo à ocupação campaniforme de um sítio aberto (colina baixa), previamente habitado no Mesolítico (SANTOS, SOARES & SILVA, 1972). Os autores referem um único momento de ocupação campaniforme, representado por grande número de recipientes lisos e decorados. Neste últimos, é exclusiva a técnica incisa, cujas depressões são por vezes preenchidas por pasta branca, como o verificado em outros sítios, atrás mencionados. Os padrões decorativos, de evidente barroquismo nalguns casos (cf. Est. VII, n.ºs 34, 36), aproximam estes recipientes das cerâmicas campaniformes da Meseta, grupo de Ciempozuelos (cf. Est. VIII, n.º 37). No entanto, também nas produções incisas da Estremadura, se observam os mesmos motivos, onde não falta a técnica pseudo-excisa, comum em produções de Ciempozuelos, configurando uma correlação entre as duas áreas geográficas observada no decurso dos últimos três séculos do 3.º milénio BC. Com efeito, no povoado de Freiria, Cascais, identificou-se mesmo um fragmento de recipiente com decoração interna ao longo do bordo (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 30, n.º 3), o que não deixa dúvidas quanto à sua filiação naquele grupo campaniforme, podendo mesmo colocar-se a hipótese de se tratar de um recipiente dali importado. Esta é uma realidade que importa sublinhar, pois os espólios alentejanos funerários recolhidos em diversos dólmenes apontam para esse caminho, com duplo sentido, entre o *hinterland* mesetenho e o litoral da Estremadura portuguesa.

Com efeito, avultam duas ocorrências cuja importância deve destacar-se. Trata-se de sepulturas individuais que aproveitaram a protecção oferecida por monumentos dolménicos previamente existentes. A conhecida há mais tempo registou-se na anta da Herdade das Casas do Canal, Estremoz, dólmen de câmara poligonal, em que o espaço definido pelos dois esteios ainda conservados do corredor e pela laje de fecho de passagem para a câmara, era propício a uma tumulação secundária de um indivíduo, ao qual deverá corresponder o espólio campaniforme exumado (LEISNER & LEISNER, 1955) (Fig. 42). Este é constituído por uma grande caçoila baixa com decoração incisa que



Fig. 31 – Gruta artificial da Praia das Maças, depois de reescavada por J. L. M. Gonçalves. Observa-se, em segundo plano, a grande câmara funerária, revestida por lajes, no Calcolítico, aquando da construção da falsa cúpula (foto de J. L. M. Gonçalves, arquivo O. da Veiga Ferreira/J. L. Cardoso).

se estende para o lado interno, de tipo Ciempozuelos e por um vaso campanulado liso, o qual se encontrava dentro da caçoila. Na anta de Bencafede, Évora, recolheram-se duas caçoilas campaniformes, profusamente decoradas, do tipo Ciempozuelos, também decoradas interiormente, correspondendo, igualmente, a uma tumulação reaproveitando a câmara do monumento (Fig. 43) (CARDOSO & NORTON, 2004). Deste modo, a assinalável presença de produções com origem na Meseta Ibérica no interior do Alto Alentejo, configura inquestionavelmente a sua penetração geográfica para ocidente, até ao litoral atlântico, corroborando as ocorrências de espólios comparáveis em alguns povoados, situados mais perto da fronteira, como é o caso dos Perdigões e do Monte do Tosco 1, acima tratados.

No entanto, o exemplo mais expressivo de reaproveitamento de um megálito pelas comunidades campaniformes alentejanas é representado pelos dois enterramentos efectuados na câmara do dólmen da Pedra Branca, Santiago do Cacém, situado perto do litoral atlântico do Baixo Alentejo (FERREIRA *et al.*, 1975), que se afiguram contemporâneos, tal a homogeneidade tipológica do espólio (Fig. 44). Os materiais cerâmicos recolhidos nas duas sepulturas são exclusivamente incisos, correspondendo a duas caçoilas incisas, duas taças Palmela incisas, um vaso de carena baixa, igualmente com decoração incisa, e fragmentos de duas “garrafas”, recipientes de forma esférica e colo apertado, também decorados por incisões na parte superior do bojo e no colo, até o bordo. Tem interesse destacar a forma de um vaso, afim dos copos calcólíticos estremenhos pré-campaniformes, igualmente com decoração incisa, o qual

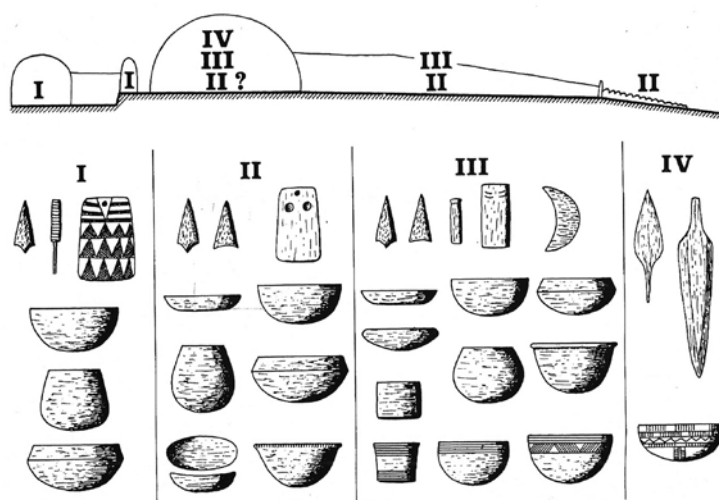


Fig. 32 – Representação esquemática das sucessivas utilizações da gruta artificial da Praia das Maças, correspondendo a última, circunscrita à câmara, à reutilização campaniforme (seg. J. L. M. Gonçalves).



Fig. 33 – A gruta artificial 2 de Casal do Pardo/Palmela, observando-se a entrada, o corredor e a passagem deste para a câmara (foto de J. L. Cardoso).

tem paralelos em outros exemplares estremenhos, já inventariados (CARDOSO, 2004 b) (Fig. 45). Trata-se de evidência que reforça as permeabilidades das produções campaniformes às produções pré-existentes, corporizando, por conseguinte, traço de continuidade entre ambas (AMARO, 2010-2011). Um braçal de arqueiro, pontas Palmela, objectos de adorno e, eventualmente, placas de xisto (a menos que resultem a mistura com materiais mais antigos), completavam o espólio destas duas sepulturas.

O espólio exumado confirma as evidentes afinidades com a Estremadura portuguesa justificada, pela sua localização litoral, tornando mais fáceis os contactos entre ambas. A este propósito, importa não esquecer que, até à década de 1940, o movimento de pessoas e de mercadorias entre o litoral alentejano e a Estremadura era essencialmente assegurado por via marítima, através de navegação bordejando a costa, tal como aconteceria no campaniforme.

Com efeito, a partir do litoral da Estremadura verificaram-se irradiações das produções campaniformes tanto para norte como para sul, ao longo da costa. As primeiras foram já anteriormente referidas e sê-lo-ão adiante descritas de forma mais detalhada. Quanto à difusão das produções campaniformes da Estremadura portuguesa para sul, às documentadas no dólmen de Pedra Branca, soma-se a estação de Vale Vistoso, Sines: trata-se de uma ocupação de um sítio aberto, implantado sobre o oceano, de evidente carácter sazonal, e em curto período de tempo, compatível com o escasso espólio exumado, constituído por pequeno e homogéneo conjunto de cerâmicas campaniformes, todas decoradas pela técnica incisa. Neste escasso conjunto, estão representadas diversas caçoilas e um fragmento de taça Palmela, a mais meridional das até agora conhecidas (SILVA & SOARES, 1981).

Ainda no âmbito da reutilização de monumentos dolmênicos alentejanos no decurso do período campaniforme, avulta particular importância as obser-



Fig. 34 – Vaso marítimo contendo dois ossos humanos, um fémur e uma vértebra, de uma das grutas artificiais do Casal do Pardo / Palmela (arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso).



Fig. 35 – Vaso marítimo com decoração incisa, da gruta artificial 3 do Casal do Pardo / Palmela (arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso).

vações efectuadas por Manuel Heleno (ROCHA, 2005, p. 213, Fig. 7.78): trata-se do enterramento efectuado no corredor da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Estremoz, com os ossos dos membros inferiores em posição dobrada, de um indivíduo, aparentemente com a cabeça voltada a poente. A sepultura encontrava-se coberta, por pequenas lajes, e dele faziam parte cerâmicas campaniformes, de tipologia não identificada.

Para o interior meridional do Baixo Alentejo, a ocorrência de materiais campaniformes torna-se rara; contudo, foi ali recentemente identificada uma das mais interessantes ocorrências funerárias: trata-se da sepultura escavada em poço da Quinta do Castelo 1, Beja, onde se recolheu um vaso marítimo, ainda não estudado em pormenor (VALERA, 2014). Importa sublinhar que esta ocorrência pode ser comparada à identificação de um vaso campaniforme com decoração geométrica a pontilhado recolhido no Lugar do Vargo, Fafe (BETTENCOURT, 2011), correspondente provavelmente a uma tumulação individual do mesmo tipo.

No Algarve, tal presença era desconhecida até há pouco tempo. Com efeito, foram ali registados apenas três fragmentos de vasos marítimos, recolhidos na parte superior da estrutura do *tholos* de Alcalar 7, Portimão, escavado por Estácio da Veiga em finais do século XIX (Fig. 46), aquando do projecto de restauro, valorização e musealização do monumento (MORÁN & PARREIRA, 2004, p. 172, 214).

4 - A REGIÃO CENTRO, ENTRE OS RIOS TEJO E DOURO, COM EXCLUSÃO DA ESTREMADURA

No sul da Beira interior, as produções cerâmicas campaniformes eram, até época recente, totalmente desconhecidas. Tal panorama modificou-se recentemente: no Monte do Trigo, povoado de altura do concelho de Idanha-a-Nova (Fig. 47), reconheceram-se escassos fragmentos de vasos marítimos decorados a pontilhado (VILAÇA, 2008). Estes exemplares foram relacionados com a circulação transregional pela importante

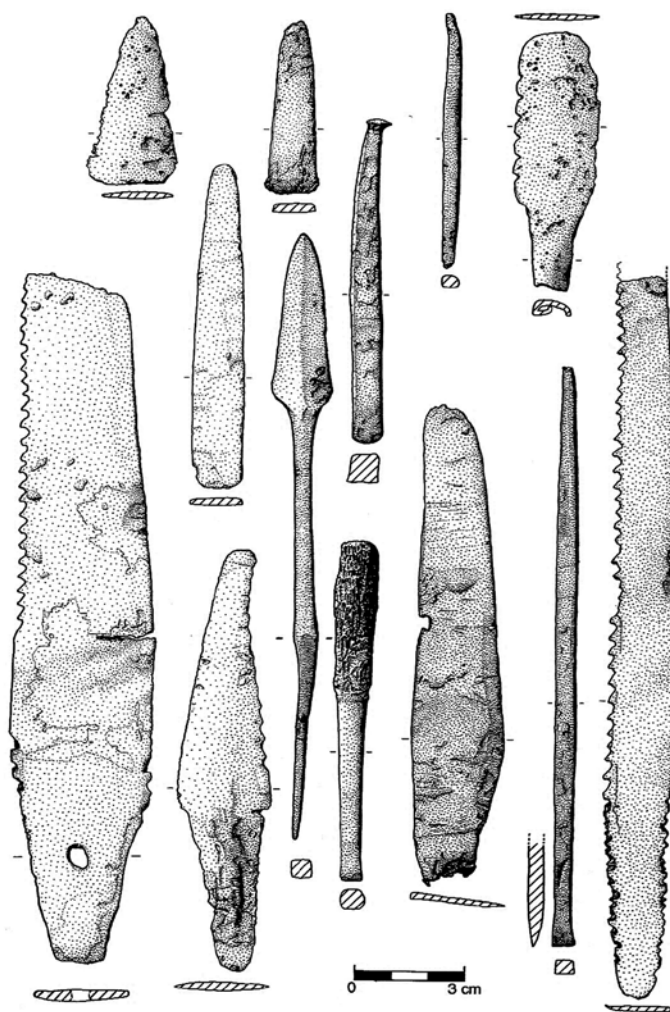


Fig. 36 - Conjunto de artefactos de cobre arsenical do Outeiro de S. Bernardo (seg. J. L. Cardoso, A. M. Soares & F. Araújo).

via fluvial que era o rio Tejo, pondo em contacto esta região com a Estremadura portuguesa. Com efeito, trata-se de uma área onde se cruzavam tais influências com as oriundas da Meseta, expressivas da presença, ainda que excepcional de produções campaniformes do tipo Ciempozuelos na região: além de vários artefactos do “pacote” campaniforme recolhidos em diversos monumentos dolménicos da região (pontas Palmela, braçal de arqueiro), apenas numa cista secundária campaniforme, destinada a uma tumulação individual, construída na periferia do dólmen 5 do Amieiro, Idanha-a-Nova (Fig. 48), se recolheu um fragmento campaniforme decorado, com o característico padrão pseudo-exciso da Meseta (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 2003), ocorrência que encontra fácil explicação dada a situação geográfica daquele monumento. Importa sublinhar a importância desta descoberta, pois em geral as tumulações campaniformes eram feitas aproveitando as estruturas dos sepulcros pré-existentes, ao contrário do ali verificado, onde, na periferia do *tumulus* original do monumento, se edificou uma estrutura própria, o que constitui interessante excepção.

Ao longo do litoral do centro do país, até à região de Coimbra/Figueira da Foz, ocorrem, embora vestigialmente, certas produções campaniformes típicas dos estuários do Tejo e do Sado: é o caso da taça Palmela, com decoração a pontilhado acompanhada de vasos de tipo “marítimo” com decoração igualmente a pontilhado, oriunda da gruta da Eira Pedrinha, Condeixa (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949), a que se junta fragmento de braçal de arqueiro, igualmente

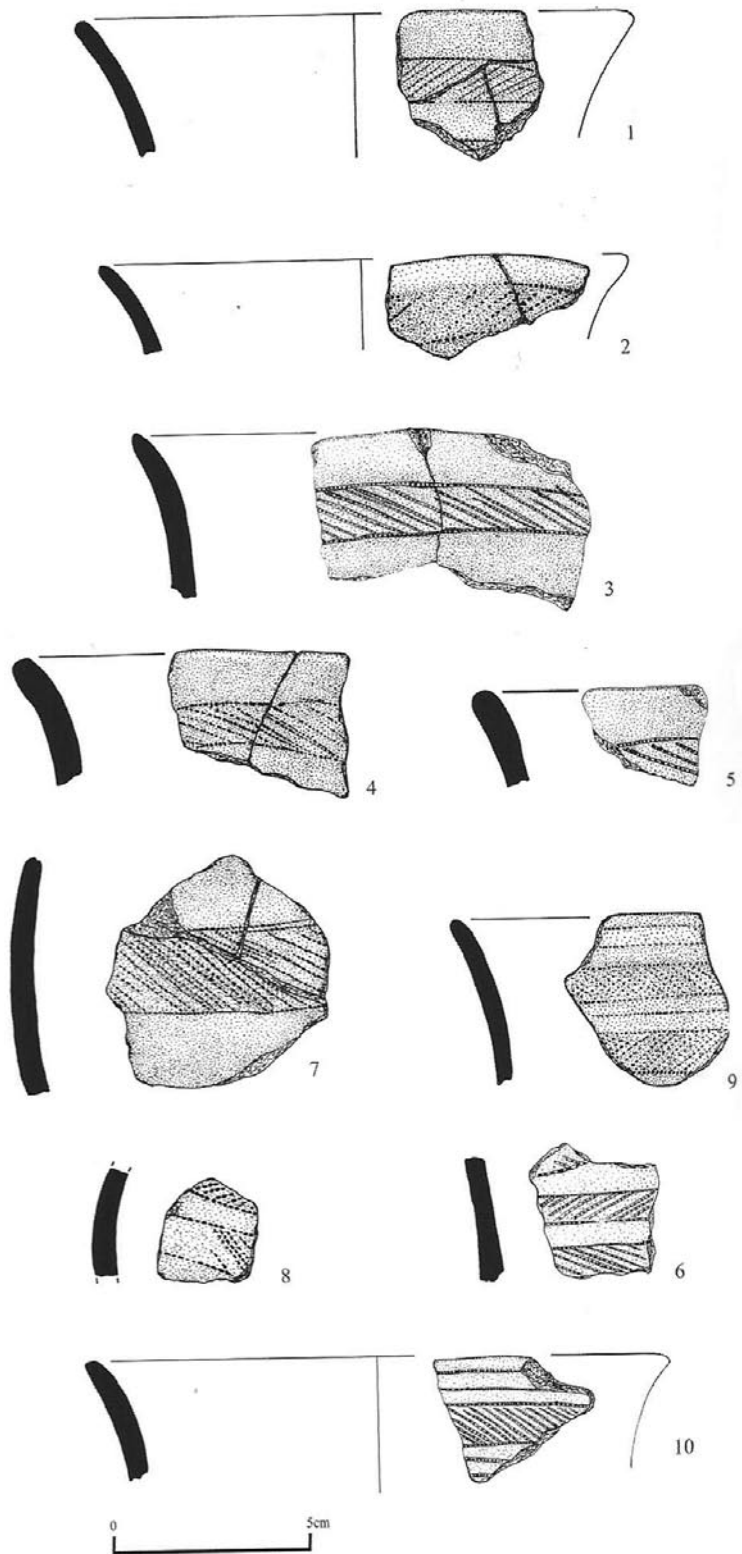


Fig. 37 – Cerâmicas campaniformes do povoado do Porto das Carretas (seg. J. Soares).

característico da panóplia campaniforme. Em algumas das estações de carácter indeterminado, perto do estuário do Mondego, célebres pelas suas ocupações no Neolítico Antigo, encontraram-se também fragmentos campaniformes: da Junqueira, provém fragmento de vaso marítimo pontilhado (VILAÇA, 1988, Fig. 14), e do Forno da Cal, Soure, uma ponta Palmela, relacionada talvez com sepultura (ROCHA, 1907, Fig. 4). O dólmen de Cabeço dos Moinhos proporcionou também materiais campaniformes: é o caso de um botão de osso com perfuração em “V”, um vaso campanulado liso, dois fragmentos taças de tipo Palmela incisas, já antes referidas (ver Fig. 13) e uma caçoila decorada a pontilhado em métopas (LEISNER, 1998; GOMES & CARVALHO, 1993). Outro dólmen da serra da Boa Viagem que forneceu materiais campaniformes é o da Cumieira, também explorado por A. dos Santos Rocha: além de uma ponta Palmela, forneceu um fragmento com decoração

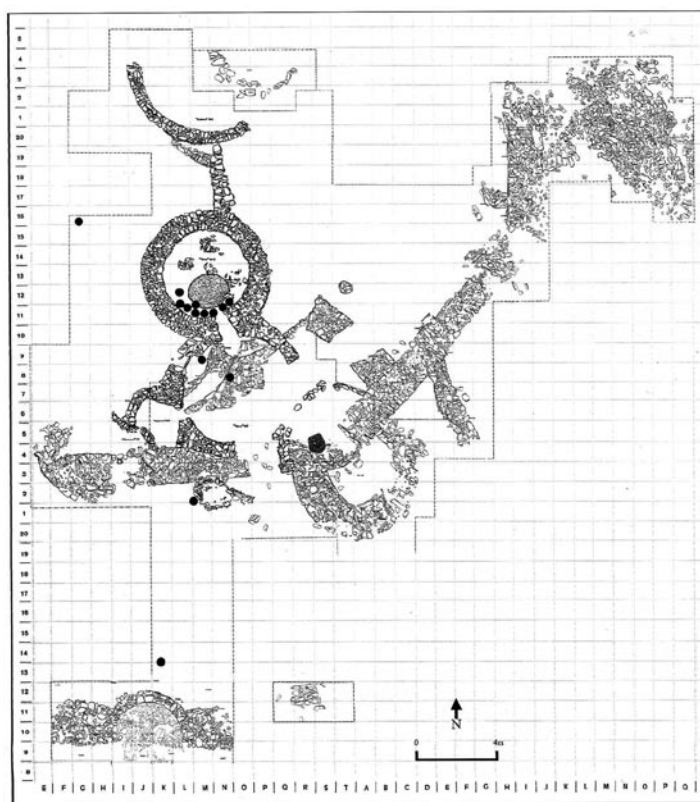


Fig. 38 – Cabana do povoado do Porto das Carretas reutilizada no campaniforme (seg. J. Soares).

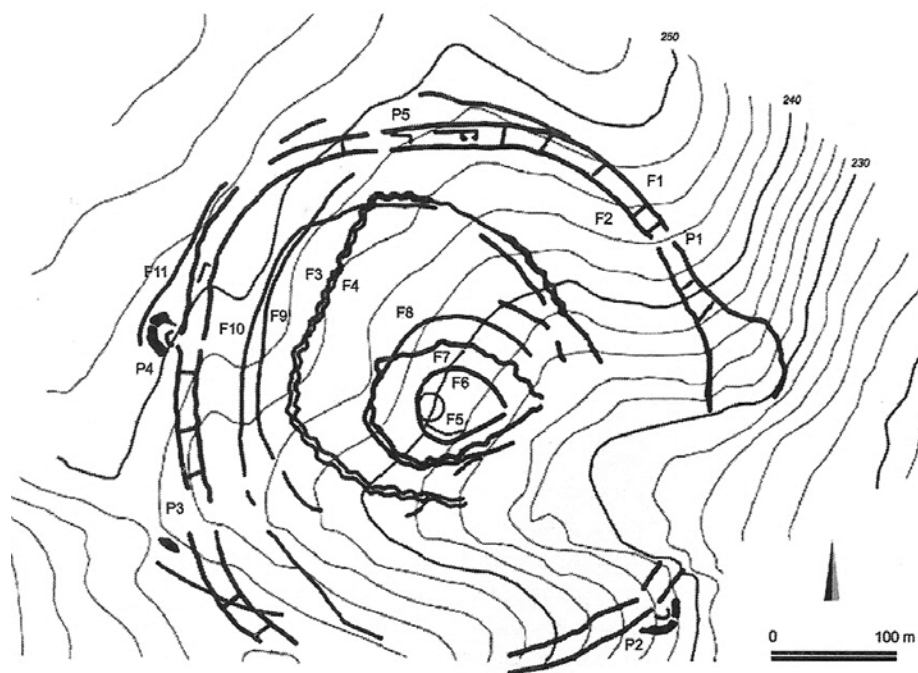


Fig. 39 – Planta do grande povoado dos Perdigões, delimitado por fossos de diversas épocas (por deferência de A. Valera).

incisa. No Crasto, povoado de altura, identificou-se um conjunto que A. dos Santos Rocha conotou dubitativamente com sepultura, atendendo à recolha de um fragmento de tibia humana; era constituído por dois fragmentos campaniformes, um deles muito erodido (aparentemente inciso), um fragmento de uma taça Palmela (aparentemente com decoração a pontilhado), uma ponta Palmela e um machado de pedra polida (ROCHA, 1971, Figs. 1, 2, 3).

Pode, pois, concluir-se que, na região da Figueira da Foz, os materiais campaniformes ocorrem sempre de forma isolada, correspondendo ao aproveitamento circunstancial de grutas ou de megálitos ali existentes, ou à ocupação pontual e sempre pouco intensa de sítios habitacionais, sejam de planura ou de altura, embora tais ocupações revistam carácter dúbio, pois poderiam, pelos elementos recolhidos, tratar-se preferencialmente de sepulturas feitas em locais anteriormente habitados. A tipologia dos materiais é diversificada, com taças Palmela com decoração pontilhada e incisa, vasos marítimos e fragmentos incisos que, no conjunto, evidenciam afinidades com a Estremadura portuguesa. Deste modo, pode concluir-se que as influências que dali irradiaram atingiram, ao longo do litoral, duas áreas extremas, a norte, a Figueira da Foz e, a sul, a região de Sines.

Na parte da bacia hidrográfica do Douro a sul do referido rio, têm sido encontrados pequenas sepulturas não megalíticas, por vezes correspondendo a cistas isoladas, ou a monumentos secundários abertos nos *tumuli* de sepulturas mais antigas, como a identificada no dólmen de Amieiro 5, atrás referida, atribuídas já à Idade do Bronze (SILVA,

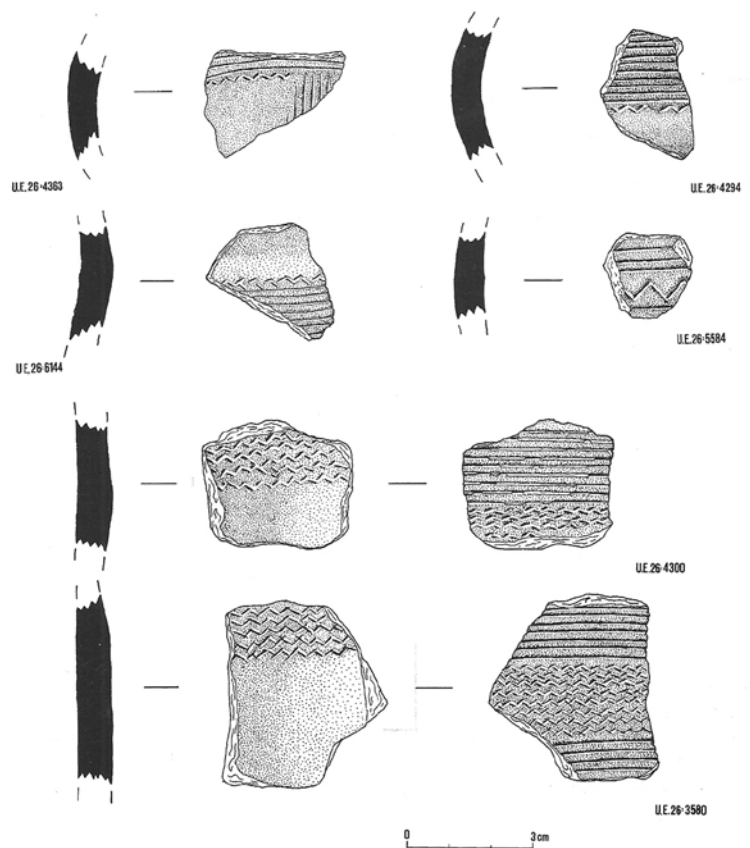


Fig. 40 – Cerâmicas campaniformes do povoado dos Perdigões (seg. M. Lago e col.).

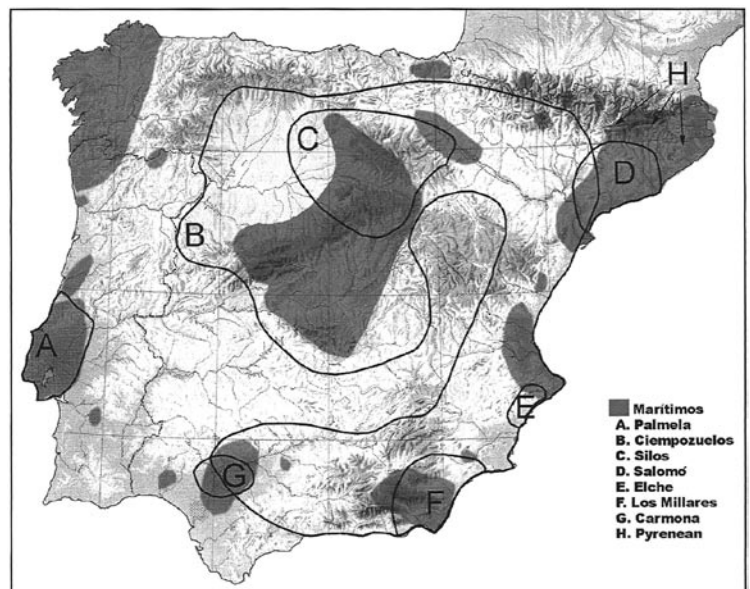


Fig. 41 – Distribuição na Península Ibérica dos vasos marítimos e dos estilos campaniformes regionais (seg. P. Bueno Ramirez; R. Barroso Bermejo & A. Vázquez Cuesta).

1997), as quais, nalguns casos, possuíam cerâmicas campaniformes: é o caso da Mamoa 2 de Aliviada, Arouca, onde sepultura cistóide secundária proporcionou um fragmento campaniforme inciso e da Mamoa 7 da Urreira, Arouca, cuja estrutura interna, talvez correspondente a uma grande câmara de um dólmen sem corredor, proporcionou sete fragmentos de um vaso marítimo, variante linear, com decoração a pontilhado; enfim, na Mamoa 1 de Castelo-Fajões, Oliveira de Azeméis, correspondente talvez a um sepulcro de câmara poligonal alongada, recolheram-se vinte e quatro fragmentos de um vaso marítimo com decoração a pontilhado de bandas.

Mais para o interior centro, alguns dos raros exemplares campaniformes ali conhecidos foram registados pelo pioneiro da arqueologia A. dos Santos Rocha, provenientes de dólmenes de câmara poligonal e corredor longo do concelho de Oliveira do Hospital. Estes e outros materiais foram ulteriormente estudados por diversos autores, sendo possível, actualmente, referir cerca de dez monumentos megalíticos com reutilizações funerárias campaniformes, correspondentes provavelmente a sepulturas individuais, aproveitando a protecção dos esteios das câmaras ou dos corredores: é o caso dos dólmenes da Bobadela, do Seixo da Beira, da Sobreda, da Orca do Outeiro do Rato, na bacia do Alto Mondego (concelho de Oliveira do

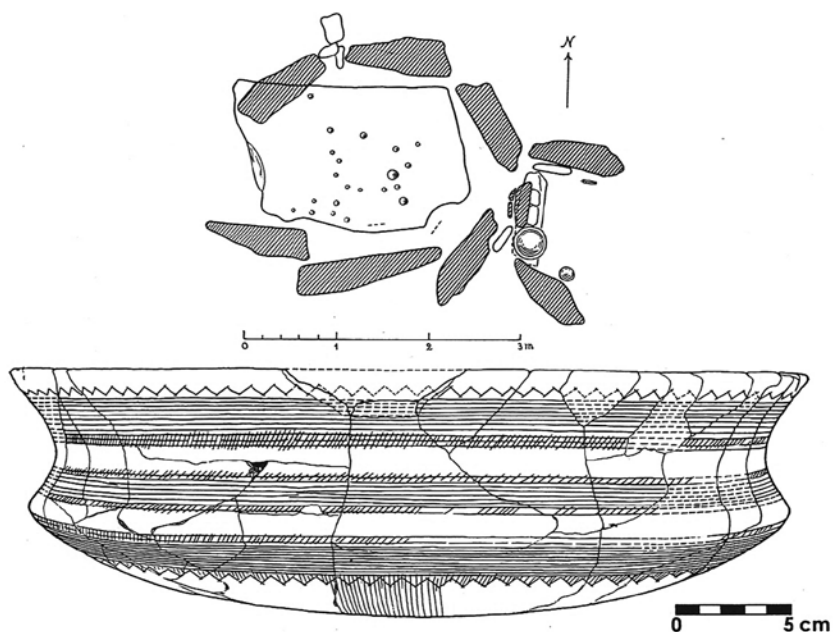


Fig. 42 – Planta da anta das Casas do Canal, com a indicação da deposição funerária campaniforme e representação da grande caçoila baixa ali recolhida, do grupo de Ciempozuelos (seg. G. Leisner & V. Leisner).

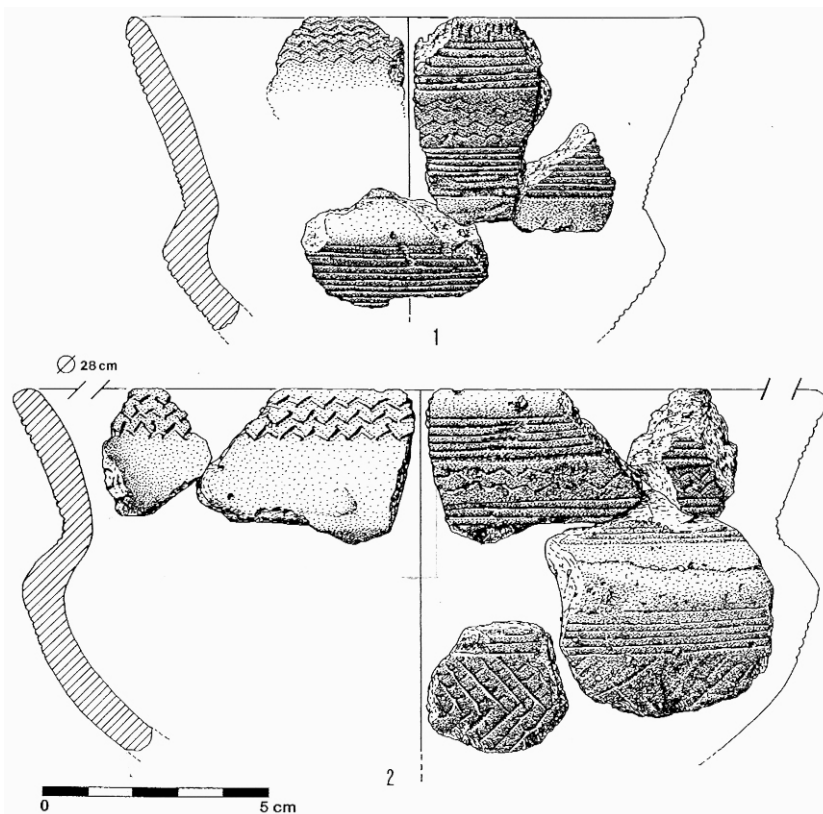


Fig. 43 – Fragmentos de duas caçoilas do grupo de Ciempozueleos, recolhidos na anta de Bencafede (seg. J. L. Cardoso & J. Norton).

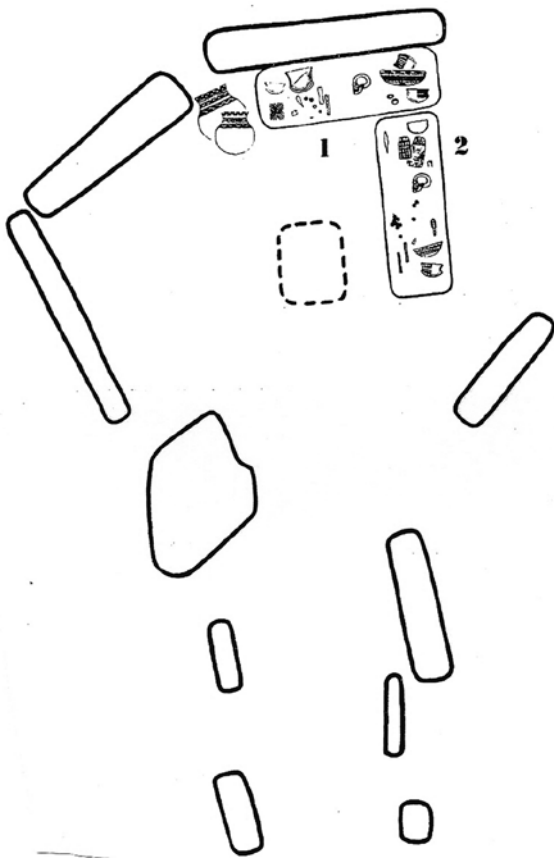


Fig. 44 – Planta do dólmen da Pedra Branca, com indicação das duas sepulturas campaniformes identificadas na câmara e respectivos espólios (seg. O. V. Ferreira e col.).



Fig. 45 – Vaso campaniforme afim dos “copos” do Calcolítico da Estremadura portuguesa, proveniente de uma das sepulturas campaniformes identificadas na câmara do dólmen da Pedra Branca (arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso).

Hospital) e, mais a norte, nas bacias do Vouga ou já do Douro, das Orcas dos Moinhos de Rua, das Orcas das Castenairas e de Seixas. Em geral, as produções cerâmicas campaniformes ostentam decorações a pontilhado, integrando formas e padrões decorativos que vão dos vasos campaniformes típicos (vasos marítimos), até às decorações geométricas a pontilhado aplicadas a vasos campaniforme e a grandes recipientes de fundo plano. Em qualquer caso, a integração destas produções faz-se sem dificuldades no grupo caracterizado pelo vaso marítimo, dispensando a consideração de um grupo autónomo, como por vezes se observa por parte de alguns autores.

Nestes grandes monumentos megalíticos foram também recolhidos artefactos metálicos típicos da panóplia campaniforme (SENNA-MARTINEZ, 1994), por vezes susceptíveis de integrarem conjuntos “fechados”, correspondentes a tumulações individuais, como é o caso do recolhido na Orca de Seixas, representado por um vaso marítimo; um vaso carenado com decoração de tipo marítimo; um machado plano de cobre; uma ponta Palmela de cobre arsenical; e um braçal de arqueiro de xisto (Fig. 49).

Os sítios habitados são escassos, estando representados por poucos materiais, tal como se verificou na região da Figueira da Foz, indicando um povoamento disperso, cujas marcas são discretas na paisagem. É o caso dos sítios de Linhares, que forneceu materiais campaniformes com padrões decorativos regionais, associados a cerâmicas penteadas incisadas (VALERA, 1999) e do Complexo do Penedo da Penha, que forneceu apenas três fragmentos de um recipiente campanulado com decoração de bandas incisadas em espinha (SENNA-MARTINEZ, 1994), e que pode ser interpretado, à semelhança de outros recolhidos na Orca do Outeiro do Rato, como a expressão local das decorações dos vasos marítimos.

A este propósito, importa valorizar o sítio de Fraga da Pena, Fornos de Algodres: trata-se de sítio habitado, provavelmente também de carácter ritual, implantado em *thor* granítico notável, constituindo evidente marcador da paisagem, corporizado pelos grandes penedos que coroam o topo de elevação

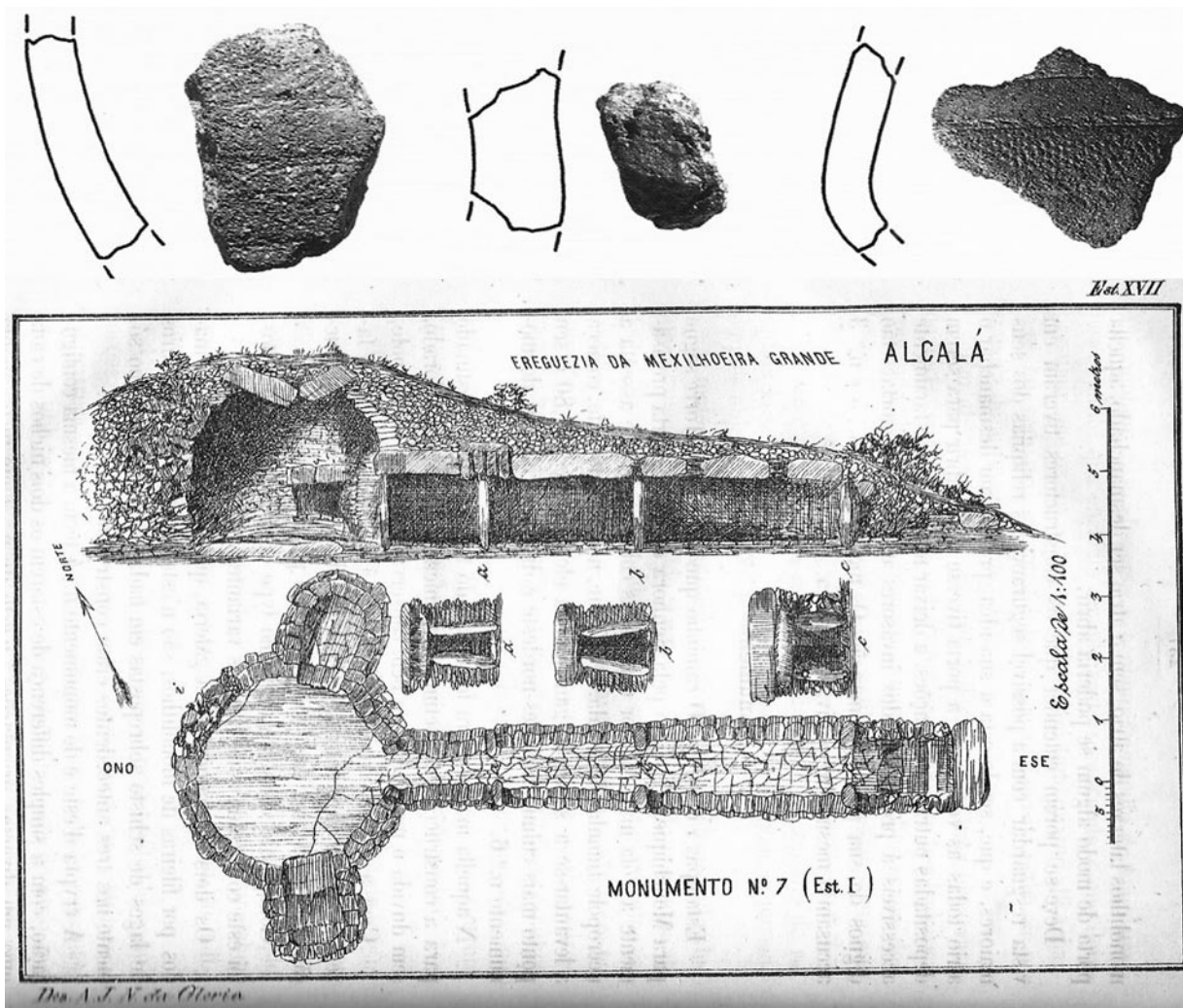


Fig. 46 - Planta do tholos de Alcalar 7 (seg. Veiga, 1889) e fragmentos de vasos marítimos recolhidos aquando do restauro do monumento (seg. E. Morán & R. Parreira).

(Fig. 50). Definiram-se duas linhas muralhadas, delimitando uma área defendida em torno da acrópole ocupada pelo “caos” de blocos graníticos. As cerâmicas campaniformes exumadas são constituídas por vasos marítimos, variante de bandas e linear pontilhada, de fabrico não local, e por recipientes campaniformes decorados com unhas e outros motivos impressos ou incisos, mais grosseiros, de fabrico local (Fig. 51) (VALERA, 2000 b; DIAS *et al.*, 2000). Trata-se do mais importante sítio de carácter não funerário do interior centro, até por lhe estar associada cronologia absoluta situável no último quartel do 3.º milénio a.C. Este resultado parece reforçar a impressão obtida da componente funerária, de serem tardias as escassas manifestações campaniformes na região, situação aliás facilmente explicável pelo seu carácter aparentemente exógeno. A Fraga da Pena, que, como se viu, quer pela sua posição especial, quer pela componente simbólica decorrente daquela, poderá ter estruturado a ocupação humana de toda a vasta região envolvente, servindo como referencial geográfico.

Olhando para a distribuição das ocorrências conhecidas, quase todas de carácter funerário, ressalta a relação com cursos fluviais importantes: rios Mondego, Dão, Paiva e Távora, e, deste modo, a sua origem litoral, e meridional, provavelmente a partir da Estremadura. Com efeito, dominam os campaniformes marítimos,

mas importa registar a emergência de fabricos locais, bem exemplificados no sítio habitacional da Fraga da Pena, correspondendo à reformulação da técnica, da temática e da morfologia, aplicada a recipientes de estilos locais. Entre estes, destaca-se a ocorrência de unhas, conhecidas também em outros sítios habitados campaniformes, como na Penha Verde, Sintra (CARDOSO, 2010-2011), para já não falar em diversos contextos extra-peninsulares da mesma época, sobretudo franceses, o que não pode atribuir-se a simples a fenómeno de convergência. É também nesta época, situável nos últimos dois ou três séculos do 3.º milénio BC que ocorrem na região em causa, pela primeira vez, peças de cobre, como sovelas, punções, machados planos (em geral de cobre arsenical), associadas também a armas, como as bem conhecidas pontas Palmela e, excepcionalmente, jóias de ouro e armas de aparato: é o caso da espiral da Orca do Outeiro do Rato, com paralelos próximos em exemplares campaniformes, como os recolhidos na gruta artificial 1 de S. Pedro do Estoril.



Fig. 47 – O povoado de altura do Monte do Trigo, onde se recolheram fragmentos de vasos marítimos (por deferência de R. Vilaça).

5 – O NORTE, ENTRE O RIO DOURO E A FRONTEIRA LUSO-ESPANHOLA

No que se refere ao norte do País, convencionalmente a região situada a norte do rio Douro, foi elaborada uma síntese da presença de materiais campaniformes, a propósito do achado de um fragmento de um vaso campaniforme cordado, recolhido no povoado do Castelo Velho, Vila Nova de Foz Coa (Fig. 52), situado ainda a sul do Douro, na Beira Transmontana (JORGE, 2002), a que se seguiu, mais recentemente, uma outra síntese que pode considerar-se actualizada (BETTENCOURT, 2011).

Tal como em outras regiões do país, o registo material evidencia a existência de sítios habitados, com espólios campaniformes, e reutilizações, sobretudo de monumentos funerários, via de regra dólmenes, por constituírem em geral o tipo de necrópoles mais comuns.

Quanto aos diversos grupos estilísticos, nos monumentos megalíticos reuti-



Fig. 48 – Amieiro 5, com a anta à esquerda da imagem, e a cista campaniforme construída posteriormente, na periferia do *tumulus* primitivo do monumento (foto J. L. Cardoso).

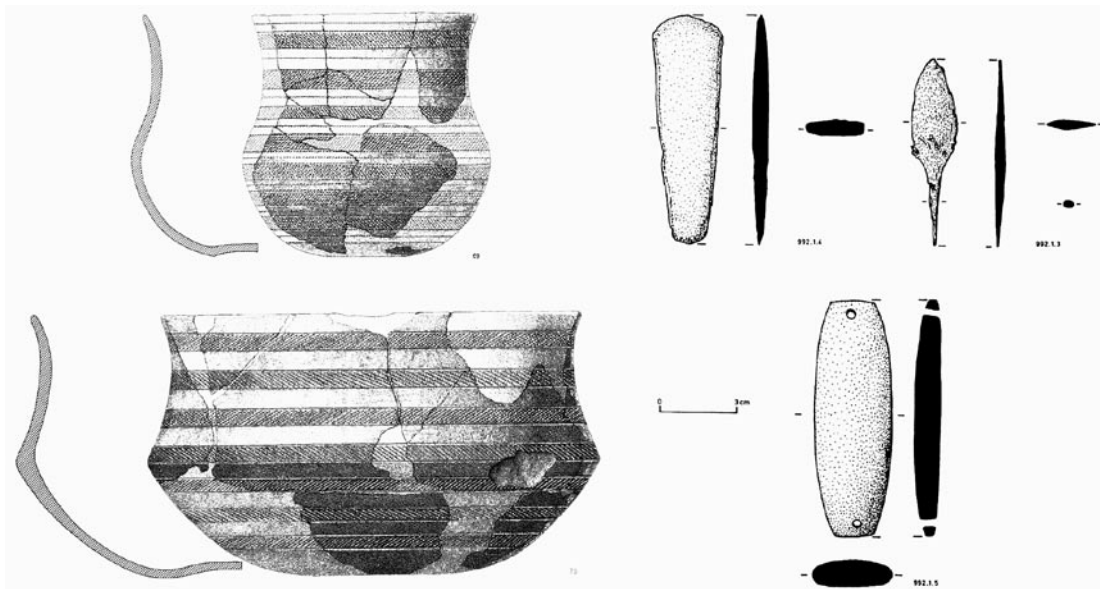


Fig. 49 – Fragmentos de vasos e artefactos do “enterramento campaniforme” da orca de Seixas (seg. V. Leisner e J. C. Senna-Martínez).

lizados, dominam as produções de vasos marítimos nas suas diferentes variantes (de bandas e linear). Assinala-se a predominância da sua distribuição litoral (Mamoas de Aspra, Caminha; de Eireira e de Chafé, Viana do Castelo; de Guilhabreu, Vila do Conde; de Chã de Arcas, Arcos de Valdevez; e, mais para o interior, a mamoa 1 de Chã de Carvalho, e o dólmen de Chã de Parada 1, ambos em Baião; e os povoados do Tapado da Caldeira, Baião e de Pastoria, Chaves, entre outros. Salienta-se ainda a presença de dois belos vasos campaniformes com decoração geométrica a pontilhado, estilisticamente afins dos vasos marítimos, recolhidos no topo da camada 2 da câmara da Mamoa 1 de Portela de Pau, Castro Laboreiro (Fig. 53) (JORGE *et al.*, 1997, Est. XX e XXI).

Com efeito, a predominância de vasos marítimos na região norte, e especialmente na sua faixa litoral, não é de estranhar, já que tal região se situa a meio caminho do litoral galego, onde domina também aquele tipo de produções. A sua grande semelhança formal com os vasos marítimos da Estremadura portuguesa é de tal ordem que justifica a admissão de interacção, por navegação de cabotagem ou por terra, ao longo da costa (SALANOVA, 2000, 2001). Contudo, para que tal fosse cabalmente demonstrado, importaria desenvolver programas de análises químicas e mineralógicas das pastas cerâmicas (CARDOSO, QUERRE & SALANOVA, 2005).

Enfim, as cerâmicas incisadas evidenciam certas afinidades com as do grupo de Ciempozuelos. Mas o número de fragmentos conhecido é demasiadamente pobre para permitir maiores certezas: para além do monumento citado, apenas se recolheram fragmentos campaniformes incisados na mamoa 2 de Carvalhelhos, Boticas e no Crasto de Palheiros, Murça (Fig. 54), correspondentes a estilos locais (aplicação de bandas horizontais produzidas por pente a recipientes formalmente campaniformes), associados a vasos marítimos (variantes de bandas e linear), e a caçoilas com decoração pontilhada geométrica (Fig. 55) (BARBOSA, 1999; SANCHES, 2008).

Com efeito, a presença de interpretações decorativas locais produzidas pela aplicação do pente, formando bandas horizontais incisadas, equivalentes das bandas dos vasos marítimos, e aplicadas a recipientes formalmente campaniformes, identificados em diversos sítios do norte transmontano, a par de produções campaniformes clássicas, é indício da interacção produzida com as populações locais, efectuada logo nos primórdios da afirmação da presença campaniforme na região. Ta é a conclusão a reter das datas recuadas associadas a tais produções, obtidas no Buraco da Pala, Mirandela (Fig. 56), situadas no segundo quartel do 3.º milénio BC (*in* BETTENCOURT, 2011), comparáveis às datas mais recuadas da Estremadura (Leceia, Zambujal) e do sul do País (Porto Torrão).

Mas o túmulo mais notável, no contexto da presença campaniforme da região, é a Mamoia 1 de Chã de Carvalho, Baião, pequeno megálito fechado, o único até agora conhecido no território português construído propositalmente para receber uma tumulação campaniforme individual, numa área em que nada o faria supor. A escavação das terras que constituíam o *tumulus* forneceu um notável conjunto de artefactos de cobre arsenical, recolhidos *in situ* e de tipologia campaniforme: trata-se de dois punhais de lingueta e de cinco pontas Palmela. As duas primeiras peças encontravam-se sobrepostas e orientadas inversamente, enquanto as pontas apareceram reunidas em feixe, em posição vertical e com os espigões voltados para cima; os dois conjuntos assim constituídos, encontravam-se distanciados entre si de 92 cm. A escavação forneceu ainda cerca de dez recipientes, lisos e decorados, sendo nestes exclusiva a temática campaniforme: vasos marítimos, com decoração de bandas a pontilhado; pontilhado geométrico; e recipientes incisos, tanto vasos campaniformes como uma taça Palmela, correspondente ao exemplar mais setentrional até ao presente conhecido (Fig. 57) (CRUZ, 1992, Fig. 22, n.º 2). Este notável conjunto chegaria, por si só, para demonstrar a contemporaneidade das diversas produções cerâmicas campaniformes, apesar da sua evidente diversidade formal, técnica e estilística, realidade que corrobora as observações efectuadas noutros locais, como por exemplo a Cabana FM de Leceia, atrás devidamente valorizada.

Quanto ao exemplar cordado de Castelo Velho, é muito provável que configure recipiente importado, consti-



Fig. 50 – A Fraga da Pena (Fornos de Algodres).

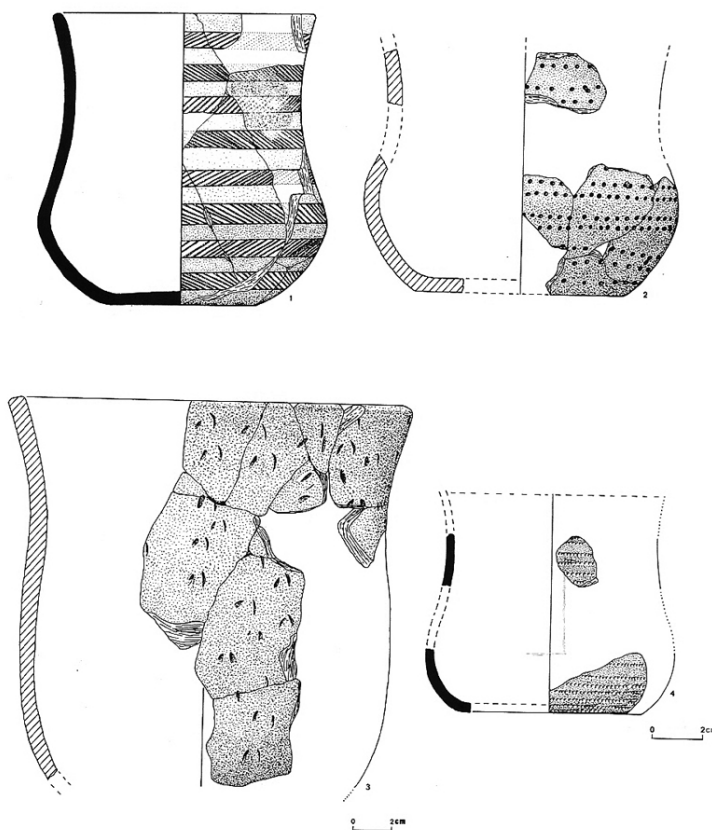


Fig. 51 – Vasos campaniformes da Fraga da Pena (seg. A. Valera).

tuído por impressão de uma “corda entrançada”, aquilo que L. Salanova classifica como *cordelette crochétée*. O exemplar mais próximo dos compulsados provém de Villa Filomena, necrópole de silos da região de Castellón, perto do litoral da Catalunha (ESTEVE GÁLVEZ, 1956). Desconhecem-se, todavia, quais os mecanismos que presidiram à sua manipulação e transporte até esta área geográfica, situação igualmente extensível ao outro exemplar português comparável, do povoado de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, já atrás mencionado (ARNAUD, 1993), embora neste último a impressão cordada seja simples e não entrançada, ou dupla. Há ainda a referir um terceiro exemplar, igualmente de proveniência setentrional, recolhido no recinto de fossos de Forca, Maia, cuja cronologia se situa, para cerca de 95% de probabilidade, entre 2625-2337 cal BC (*in* BETTENCOURT, 2011, p. 370). Deste modo, pode concluir-se não existir diferenciação cronológica entre estas raríssimas ocorrências de campaniformes cordados e as restantes produções campaniformes, podendo as mesmas, pelo seu carácter de excepção, corresponderem a vasos realmente importados, conclusão que só um detalhado estudo arqueométrico poderia comprovar.

Note-se que a ampla distribuição geográfica das ocorrências de campaniformes cordados – destacando-se a sua completa ausência na área de maior concentração de produções campaniformes, a Baixa Estremadura – configura relações culturais com outras áreas peninsulares, onde tais produções se conhecem, ainda assim sempre com carácter residual. A sua distribuição geográfica (JORGE, 2002, Fig. 8) revela incidência essencialmente litoral, sobretudo na Catalunha e no País Basco, bem como na Galiza e na Andaluzia.

Por tudo o que ficou dito, importa sublinhar que a sociedade campaniforme, por definição inerente à sua própria natureza, esteve sempre francamente aberta à circulação de produtos e de ideias, sendo expressiva a presença de marfim no território português de origem norte africana (CARDOSO & SCHUMACHER, 2012; SCHUMACHER, 2012) e, inversamente, no território marroquino de produções campaniformes diversas de origem ou inspiração peninsular (POYATO HOLGADO & HERNANDO GRANDE, 1988).

6 – EPÍLOGO: A TRANSIÇÃO DO CALCOLÍTICO PARA A IDADE DO BRONZE

Os mecanismos de transição para a Idade do Bronze, curto período corporizado pelos derradeiros momentos campaniformes (ou epicampaniformes, visto já não ocorrerem as tão características cerâmicas decoradas que estiveram na própria origem da designação, mas apenas cerâmicas lisas, que nalguns casos conservam tipologia campaniforme) são ainda pouco conhecidos; crê-se que a presença campaniforme, na Estremadura e no

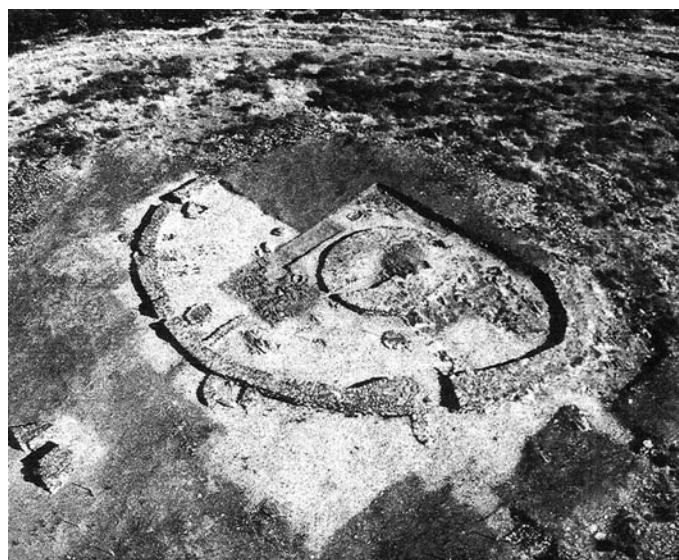


Fig. 52 – Planta do povoado murado do Castelo Velho e fragmento de vaso campaniforme cordado nele recolhido (seg. S. O. Jorge).

sul do País, tenha evoluído para novas expressões da cultura material, podendo estas ser já inseridas na Idade do Bronze (Bronze Antigo ou Bronze Inicial), entre os finais do 3.º milénio BC e os dois primeiros séculos do 2.º milénio BC.

Este período de transição é corporizado na Estremadura pelo Horizonte de Montelavar (HARRISON, 1980), ilustrado pela cista rectangular identificada ocasionalmente no sítio epónimo, perto de Sintra, onde se recolheu um punhal de lingueta e duas pontas Palmela (Fig. 58) (NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943); a cerâmica não constava do conjunto. É evidente a fragilidade material com que se fundamentou a criação deste Horizonte, o qual, porém, adquiriu comprovada legitimidade, com base na existência de sepulturas do mesmo tipo registadas no norte de Portugal.

Situação idêntica esteve na origem da definição do Horizonte de Ferradeira, definido por H. Schubart (SCHUBART, 1971), igualmente com suporte material muito frágil, já que foi definido a partir de uma sepultura cistóide de planta sub-elipsoidal alongada, explorada muito antes, no sítio epónimo da região de Faro, no Algarve (FRANCO & VIANA, 1948). Esta sepultura, que fazia parte de um conjunto de pelo menos mais duas, continha um indivíduo depositado em decúbito dorsal, acompanhado de uma taça lisa de carena baixa, um braçal de arqueiro e um pequeno punhal de cobre de lingueta (Fig. 59). Esta sepultura tem provavelmente antecedentes locais, visto conhecerem-se diversas ocorrências calcolíticas, tanto no litoral algarvio como na zona da serra, como é o caso da cista do Cerro do Malhão, Alcoutim (CARDOSO & GRADIM, 2003).

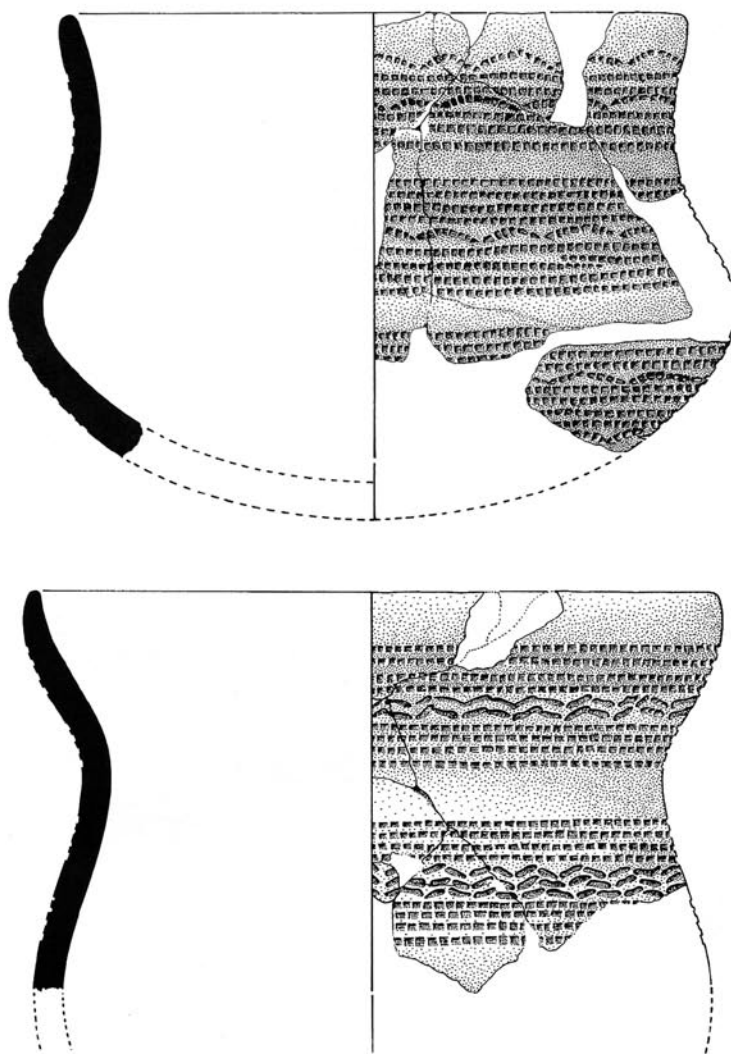


Fig. 53 – Mamao 1 de Portela do Pau e vasos campaniformes nela recolhidos (seg. V. O. Jorge e col.).

As cistas afins de Ferradeira, cujas características e espólio foram inventariadas por H. Schubart, situadas no Baixo Alentejo (Vila Nova de Milfontes, Odemira, Aljezur e Aljustrel), por vezes reunidas com ase em meras semelhanças formais, consubstanciaria uma realidade material, com significado cronológico-cultural, com extensão pelo Sudoeste espanhol. Com efeito, as investigações subsequentes realizadas tanto no Baixo Alentejo, como no Algarve, vieram confirmar a sustentabilidade deste Horizonte, presente também no Alto Alentejo (MATALOTO, 2006), tendo sido



Fig. 54 – Vista aérea do Crasto de Palheiros (por deferência de M. J. Sanches).

identificados diversos contextos fechados, sempre de carácter funerário, cujo *terminus*, foi situado no primeiro quartel do 2.º milénio a. C., entre cerca de 1950 e 1800 cal BC (MATALOTO, MARTINS & SOARES, 2013). Um dos mais representativos desses contextos fechados, corresponde à tumulação individual feita na anta do Malhão (Alcoutim), onde se recolheu uma ponta Palmela de cobre arsenical ritualmente depositada sob uma pequena taça em calote, uma adaga longa e estreita, também de cobre arsenical, constituindo modelo de transição para as produções argáricas, e um vaso liso de carena suave, de tipologia campaniforme (Fig. 60) (CARDOSO & GRADIM, 2010).

Já no país vizinho, merece destaque o rico conteúdo da cista de Motilla (Córdova) muito semelhante ao da cista constituída por uma caixa sub-rectangular com chão lajeado e coberta de lajes, aparentemente desprovida de *tumulus* da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (FORTES, 1905-1908), uma das evidências mais expressivas e setentrionais do Horizonte de Montelavar, situada perto de fronteira de Portugal com a Galiza (Fig. 61). Apesar dos domínios geográficos serem bem diferentes, de ambas provêm adagas de cobre longas, munidas de lingueta, de evidente filiação na panóplia campaniforme, pontas Palmela e diademas em folhas de ouro batido (Fig. 62), encontrando-se ausente o espólio cerâmico.

Situação idêntica é revelada pela cista individual de S. Bento de Balugães, Barcelos, que, de acordo com a informação prestada por Estácio da Veiga (VEIGA, 1891, p. 46), continha quatro pontas Palmela e uma gargantilha de ouro laminado, actualmente desaparecida, mas da qual existe reprodução (Fig. 63) (VEIGA, 1891, p. 46), cujo paralelo mais próximo é representado pela gargantilha de Vale de Moinhos, Almoester, referenciada pela primeira vez pelo notável arqueólogo algarvio (VEIGA, 1891, p. 46-49), actualmente conservada no Museu Nacional de Arqueologia.

A adaga da sepultura da Quinta da Água Branca tem paralelo em outras peças, como o exemplar da Quinta da Romeira, Torres Novas (Fig. 64), as quais evoluem para espadas curtas, como atesta o belo exemplar de Pinhal dos Melos, Fornos de Algodres, o qual, se estivesse completo, atingiria cerca de 60 cm de comprimento (Fig. 65) (PAÇO & FERREIRA, 1957).

Na cista da Quinta da Água Branca recolheram-se também duas espirais de ouro, análogas às encontradas em outras sepulturas campaniformes da Estremadura, como as grutas de São Pedro do Estoril, Cascais

(LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), já atrás referidas, bem como duas argolas ou anéis, também de ouro. Esta aparente homogeneidade de arquiteturas e de conteúdos funerários, em áreas geograficamente tão afastadas, só se compreende se se aceitar que a excessiva compartimentação do espaço, típica da sociedade calcolítica pré-campaniforme, teria dado lugar a intensa circulação inter-regional, propiciada por um tipo de ocupação e sobretudo de gestão dos territórios, por parte das comunidades que os ocupavam baseada no princípio das solidariedades comerciais, plenamente demonstrado muito mais tarde, no decurso do Bronze Final. Mas, como se verifica pelos exemplos apontados, já desde meados do 3.º milénio BC os produtos circulariam facilmente por todo o território, assim se compreendendo o chamado “pacote” campaniforme, constituído pelos elementos estandardizados que o integram.

A cronologia da cista Quinta da Água Branca, para cerca de 95% de probabilidade, situa-se entre 2109-1755 cal BC (BETTENCOURT, 2011), sendo por isso sincrónica das suas equivalentes do Horizonte de Ferradeira.

Tais resultados são relevantes para situar a cronologia absoluta destes dois horizontes arqueológicos, especialmente o seu limite mais moderno; quanto ao seu limite mais antigo, é relevante a cronologia obtida para a reutilização, através de uma única deposição secundária da câmara da sepultura colectiva de Monte da Velha 1, Vila Verde de Ficalho. O espólio associado a esta tumulação é claramente integrável no Horizonte de Ferradeira; integrava-o três recipientes cerâmicos lisos, duas taças em calote e um vaso campaniforme de fundo plano (SOARES, 2008). A datação obtida para fragmento de calote craniana – a primeira que se obteve para este Horizonte – deu um resultado integrável no terceiro quartel do 3.º milénio BC.

Esta datação foi recentemente completada por outras, de ocupações integráveis no mesmo horizonte, obtidas em duas estações arqueológicas recentemente escavadas e publicadas. A primeira corresponde à *tholos* Centirã 2 (Serpa), onde foram identificadas, na câmara, três deposições secundárias, uma das quais associada a um vaso campaniforme liso, e quatro deposições primárias; apesar de não ter sido possível associar espólios arqueológicos a nenhuma destas últimas, em dois casos os corpos foram colocados em posição fetal. Os materiais arqueológicos recolhidos relacionados com esta fase de utilização do monumento, integram um outro

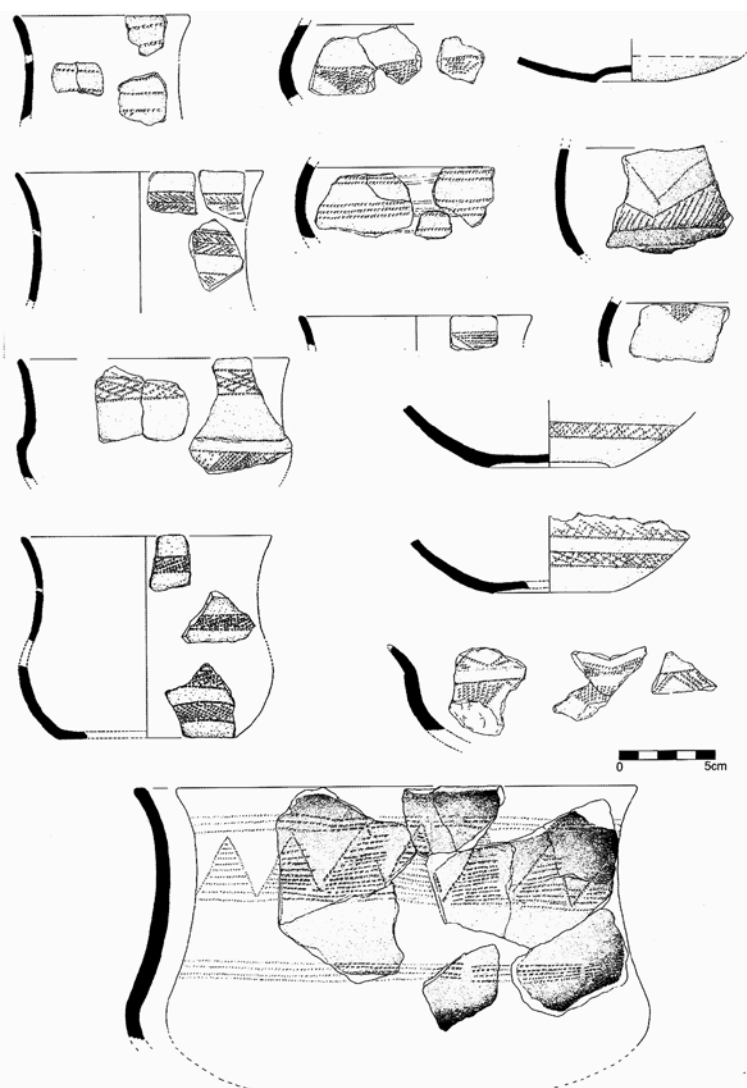


Fig. 55 – Cerâmicas campaniformes do Crasto de Palheiros (seg. S. Barbosa e M. J. Sanches).

vaso campaniforme liso, dois braçais de arqueiro uma ponta Palmela e um botão com perfuração em V de tipologia campaniforme (HENRIQUES *et al.*, 2013). Estar-se-ia assim perante um conjunto funerário reportável ao Horizonte de Ferradeira, apesar de terem sido identificados duas etapas bem diferenciadas da utilização funerária do monumento no decurso desta fase. Com efeito, as quatro deposições primárias e uma das secundárias – o ossário 1, a que foi possível associar o vaso campaniforme liso já ferido (Fig. 66) – correspondem a etapa anterior ao colapso da falsa cúpula da *tholos*, enquanto que as outras duas deposições secundárias efectuadas na câmara são já posteriores àquele evento. As datações mais antigas, reportam-se a uma das deposições primárias (n.º 1) e ao ossário 1, situando-se no terceiro quartel do 3.º milénio BC. Deste modo, são coevas da datação obtida para a deposição secundária, também integrada no Horizonte de Ferradeira, identificada no monumento de Monte da Velha 1, atrás referida, ou para a ocupação campaniforme internacional de Porto das Carretas, também acima mencionada. As datações mais modernas reportam-se a outra deposição primária (n.º 2) e a um conjunto de ossos isolados, reportando-se ao 4.º quartel do 3.º milénio BC. Deste modo, pode concluir-se que o Horizonte de Ferradeira reportar-se-ia a toda a segunda metade do 3.º milénio BC, acompanhando assim e na sua totalidade, a presença campaniforme no sul do país.

Tal constatação foi recentemente valorizada por A. Valera (VALERA, 2014), atribuindo ao Horizonte de Ferradeira, de cunho quase exclusivamente fune-

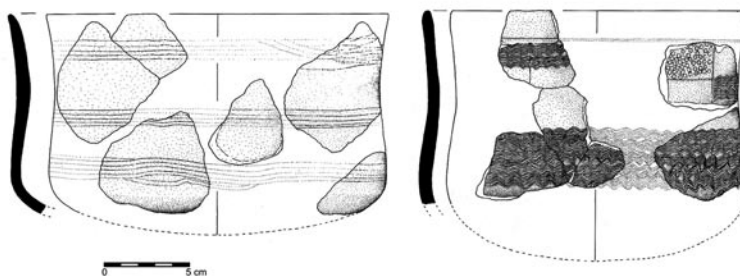
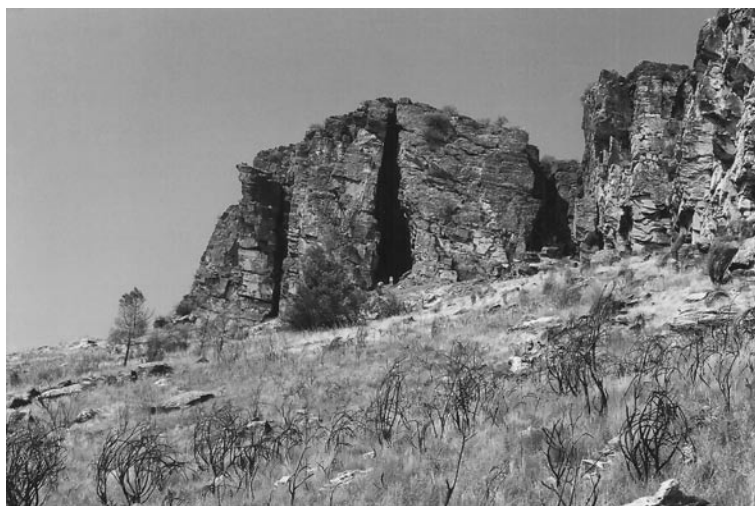


Fig. 56 – O Buraco da Pala, gruta aberta em crista de quartzitos do Ordovício (por deferência de M. J. Sanches) e produções campaniformes de imitação local dali provenientes (seg. M. J. Sanches).

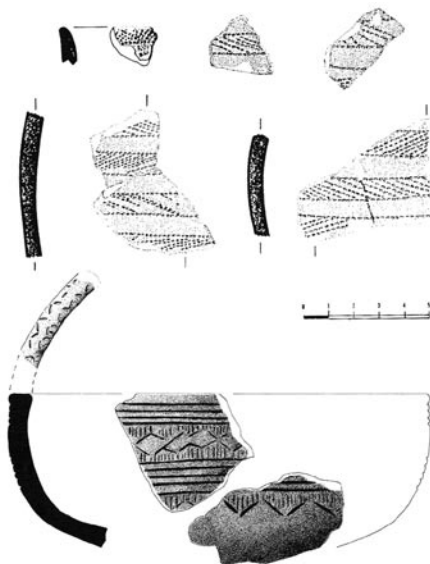
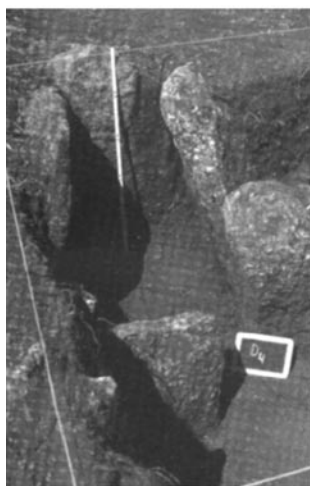


Fig. 57 – A mamoa 1 de Chã de Carvalho e produções campaniformes dali provenientes (seg. D. J. Cruz).

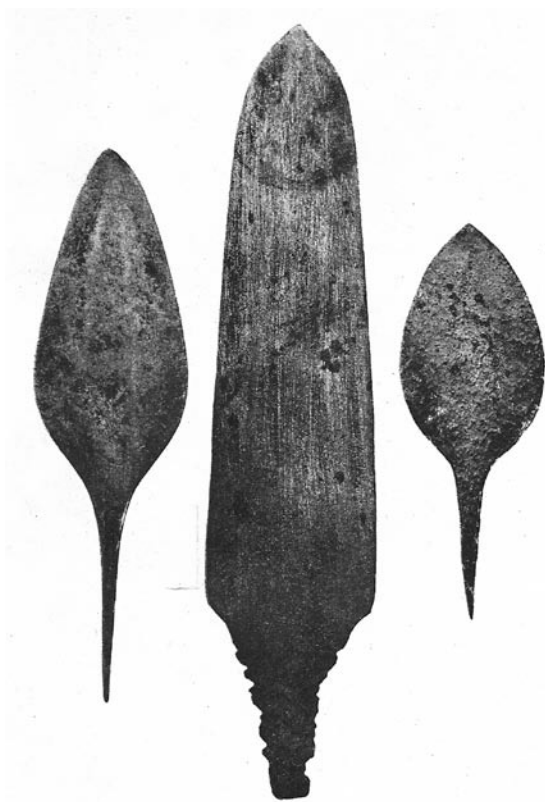


Fig. 58 – Espólio campaniforme da sepultura de Montelavar (seg. A. M. Nogueira & G. Zbyszewski).

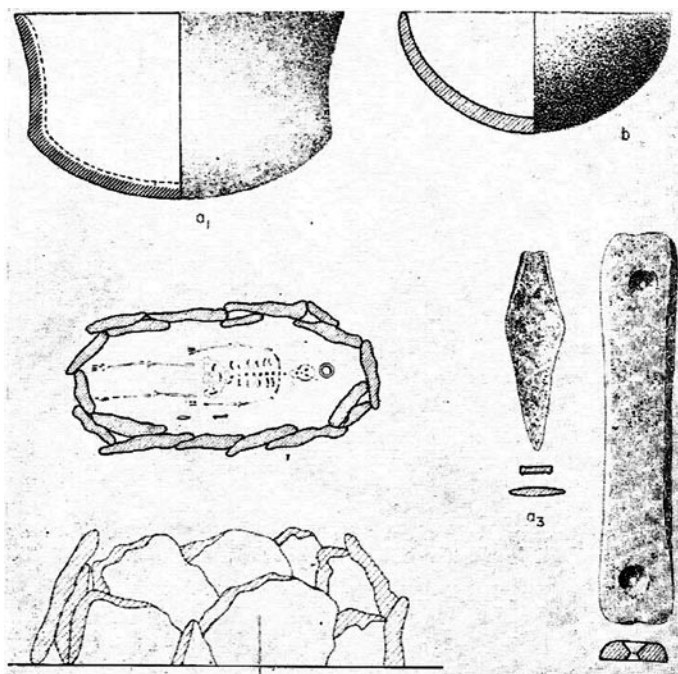


Fig. 59 – Planta e espólio da sepultura de Ferradeira (seg. H. Schubart).

rário, uma panóplia com significado próprio, tipologicamente distinta da que era utilizada pelos vivos, e onde a principal diferença era a ausência de decoração nas produções cerâmicas. Esta realidade encontrar-se-ia reforçada pelo facto de nos grandes recintos de fossos, como Porto Torrão e Perdigões, onde as produções campaniformes são comuns, estas só excepcionalmente ocorrerem nos sepulcros correlativos com aqueles dois sítios, o que poderia indiciar alguma prescrição de natureza religiosa. No entanto, tal realidade deve ser matizada, pois existem casos em que sepulcros megalíticos da região integram recipientes campaniformes, como atrás se referiu, e até, nalguns casos, recipientes lisos e decorados, como se verificou no dólmen da Pedra Branca (Melides) (FERREIRA *et al.*, 1975).

Por outro lado, tanto na Estremadura portuguesa, como na Meseta Ibérica, regiões confinantes com a distribuição geográfica do Horizonte de Ferradeira, a regra é a presença de espólios campaniformes em contextos funerários, incluindo abundantes vasos decorados.

Enfim, importa ter presente que o espólio recolhido no recinto de fossos de Bela Vista 5 (Beja) (VALERA, 2014) se inscreve tipologicamente no Horizonte de Ferradeira, sendo deste modo a primeira ocorrência não funerária registada, o que contraria a correlação absoluta até agora existente com necrópoles. As datações obtidas mostram que o recinto terá funcionado a partir do final do terceiro quartel e em todo o quarto quartel do 3.º milénio BC.

Em conclusão, os elementos até agora disponíveis fazem crer que ainda se não encontra claramente definido o limite entre as presenças campaniformes e as atribuíveis ao Horizonte de Ferradeira, sendo de admitir que ambas as realidades tenham coexistido no Baixo Alentejo, com a sobrevivência do referido Horizonte até aos primórdios do segundo milénio BC, corporizando deste modo a tran-

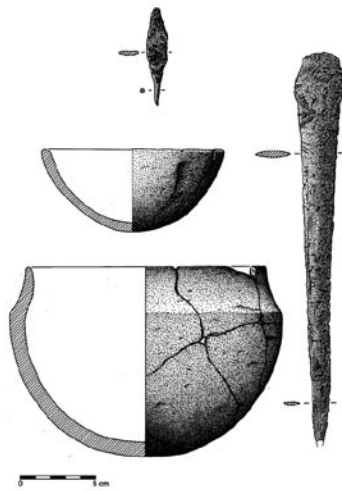


Fig. 60 – Vista da anta do Malhão e espólio da sepultura do Horizonte de Ferradeira que reaproveitou o monumento (seg. J. L. Cardoso & A. Gradim).

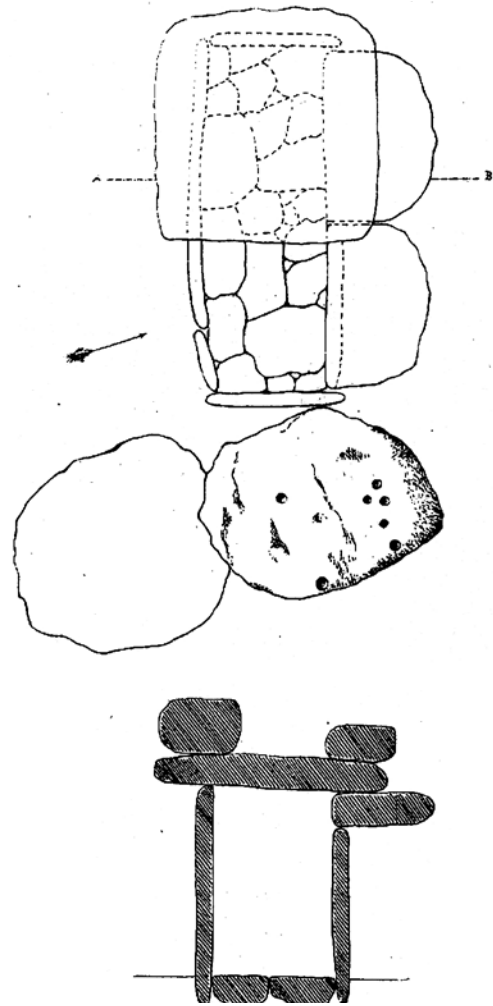


Fig. 61 – Planta e corte da cista da Quinta da Água Branca (seg. J. Fortes).

sição para a Idade do Bronze, como é usualmente considerado. Aliás, o estudo morfométrico dos recipientes recolhidos no recinto de fossos de Bela Vista 5 permitiu concluir que as suas características ilustrava, de forma sugestiva, essa realidade (VALERA, 2014), a qual tem paralelo no norte do País.

Assim, nas cistas sob *tumuli* de Chã de Arefe, Barcelos (SILVA, LOPES & MACIEL, 1981), cujo espólio inclui cerâmicas lisas (um vaso troncocónico), para além de elementos do “pacote” campaniforme, como pontas Palmela evoluídas e braçais de arqueiro (Fig. 67) ocorrem produções que usualmente se integram já na Idade do Bronze, como é o caso do vaso troncocónico ali recolhido; a abundância deste tipo de recipientes, em certos monumentos dolménicos do norte da Beira Interior, como no dólmen de Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968), ilustra a intensa reutilização de certos monumentos dolménicos, na transição do 3.º para o 2.º milénio BC. Aliás, exemplares análogos, munidos de uma asa simples junto ao bordo, foram recolhidos também em contexto considerado recuado da Idade do Bronze, de carácter doméstico, identificado no Buraco da Moura de São Romão, Seia (SENNA-MARTINEZ, 1993).

Na grande necrópole megalítica da serra da Aboboreira, Baião, construíram-se então os derradeiros sepulcros, de carácter não megalítico, como os seus congéneres cistóides dos Horizontes de Ferradeira e de Montelavar. Dois deles, Meninas do Crasto 4 e Outeiro de Gregos 1, são sepulturas de pequenas dimensões (de tipo poligonal fechado, no caso do segundo monumento), com coberturas do tipo *cairn*, atribuíveis a fase inicial da Idade do Bronze, situável cronologicamente entre 2400-2300 e 1900 BC. (CRUZ, 1992, 1995), continham cada uma, uma espiral de prata (JORGE, 1980, 1983). Trata-se de peças de prata pura, metal cujo uso só então se começa a difundir, e apenas com base na prata nativa, visto a copelação da prata só se ter iniciado no Bronze Final. Estas duas jóias, pela sua raridade, devem considerar-se como elementos de prestígio, chegadas à região através de comércio transregional, onde eram utilizadas pelas elites desta etapa inicial da Idade do Bronze. Importa, a propósito, referir a recolha de uma outra espiral de prata na mamoa da Cerca, Esposende (ALMEIDA, 1985), a qual demonstra a reutilização desde megalito na mesma época, à semelhança de outros da região, como Rapido 3, conforme é assinalado por E. J. L. da Silva (SILVA, 1994).

As pequenas construções tumulares da derradeira etapa da necrópole da Aboboreira distribuem-se na periferia dos túmulos maiores e mais antigos, como que a auferirem também do espaço por aqueles sacralizado. Nestes derradeiros monumentos do Calcolítico ou já da Idade do Bronze, imperou a variabilidade arquitectónica tumular, à qual já não se poderá dar o nome de megalítica.

Entretanto, surge uma novidade: a adopção da cremação dos corpos, representada entre outras, por sepultura da serra da Muna, Viseu, correspondente a *tumulus* de pedras sobre fossa natural, onde se efectuou incineração *in situ*, cuja datação (2130-1970 anos a.C.) a situa no início da Idade do Bronze na região (CRUZ, GOMES & CARVALHO, 1998).

Verifica-se, deste modo, uma transição paulatina para as práticas funerárias da Idade do Bronze, caracterizadas pela diversidade de soluções adoptadas: incineração *versus* inumação; e construção de novos sepulcros *versus* reutilização dos já existentes, realidade que é acompanhada pelo padrão de povoamento, onde a principal característica é a “penumbra visual”, tanto dos sítios habitados, como das necrópoles.



Fig. 62 – Diadema de ouro batido e repuxado da cista da Quinta da Água Branca (arquivo M. Farinha dos Santos / J. L. Cardoso).

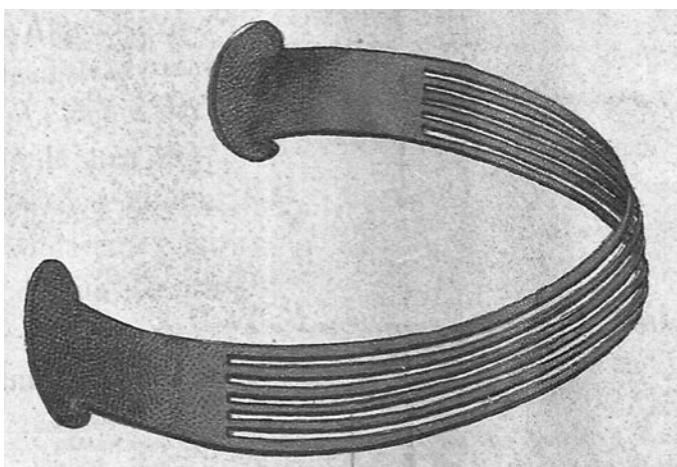


Fig. 63 – Gargantilha de ouro batido de Balugães, actualmente perdida (seg. S. P. M. Estácio da Veiga).

7 – SÍNTESE CONCLUSIVA

1 – Na Estremadura, a antiguidade do fenómeno campaniforme remonta ao segundo quartel do 3.º milénio BC, conforme comprovam os resultados obtidos em dois dos mais importantes povoados fortificados, o de Leceia e do Zambujal, tendo confirmação no norte do país, com base na cronologia obtida no Crasto de Palheiros e no Buraco da Pala, bem como no sul, através dos resultados do Porto Torrão.

Nessa fase precoce da presença de materiais campaniformes, pode ter havido ou não interacção com as comunidades previamente existentes: a resposta negativa é dada pela realidade observada em Leceia, em que na cabana FM são exclusivos os espólios campaniformes, que, por essa mesma época, ainda não usados pelos habitantes do povoado, apesar da proximidade, visto a cabana se situar na área adjacente extramuros. Já no norte, a presença de produções cerâmicas locais claramente inspiradas em modelos campaniformes, no Buraco da Pala e no Crasto de Palheiros (aqui associadas a campaniformes marítimos clássicos), permite concluir que a interacção foi muito precoce, logo nos primórdios do segundo quartel do 3.º milénio BC.

Num momento ulterior, a partir de meados do 3.º milénio BC, e até praticamente aos finais do mesmo, verifica-se a plena afirmação das produções campaniformes na Estremadura, ainda que as de origem regional (padrões em “folha de acácia” e “crucifera”), permaneçam e coexistam com aquelas, como se conclui da associação estratigráfica entre ambas em diversos sítios fortificados estremenhos (Leceia, Zambujal, Penha Verde, Moita da Ladra, Rotura).

2 – É ainda na Estremadura que se podem entrever indícios de diferenciação na sociedade campaniforme, observáveis desde meados do 3.º milénio BC, com a instalação nos povoados fortificados, alguns deles só então construídos (Penha Verde, Moita da Ladra), das elites emergentes, denunciadas pela presença de recipientes de fina manufactura, como é o caso dos vasos marítimos, próprios para a ingestão de bebidas alcoólicas, talvez também apenas reservadas àquele segmento social, contrastando com o observado nos sítios abertos, onde abundam as produções campaniformes mais grosseiras, claramente relacionadas com as actividades produtivas ali desenvolvidas e onde os vasos marítimos não ocorrem ou são raros.

A plena circulação de produtos manufacturados, especialmente os de valor acrescentado, como as produções metálicas, em geral de cobres arsenicais, teve complemento nos produtos preciosos, como é o caso do marfim, de origem norte-africana, que acompanha a emer-

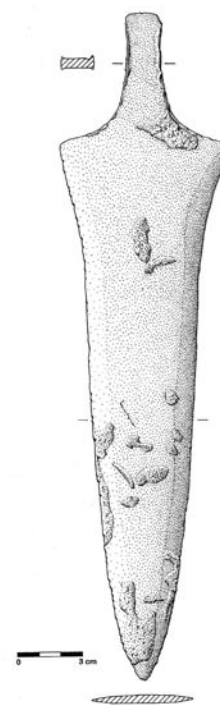


Fig. 64 – Adaga de cobre da Quinta da Romeira (seg. J. L. Cardoso).



Fig. 65 – Espada de cobre arsenical de Pinhal dos Melos (cortesia de J. M. Arnaud, foto de J Pessoa).



Fig. 66 – *Tholos* de Centirã 2. Pormenor do ossário 1 com vaso campaniforme associado (seg. F. J. R. Henriques e col.).

gência de jóias de ouro. Estas, por seu turno associam-se a armas, também de cobre arsenical, cada vez maiores dimensões, representadas por adagas longas e pelas primeiras espadas, que corporizam a plena afirmação de elites já anteriormente existentes, no seio desta sociedade que era também de comerciantes, pastores, agricultores e artesãos. Nessa época, situada na transição do 3.º para o 2.º milénio BC, já não ocorriam os vasos campaniformes decorados, afirmam-se dois horizontes arqueológicos, que asseguram a transição para a Idade do Bronze: trata-se do Horizonte de Ferradeira, a sul do Tejo e do Horizonte de Montelavar, a norte daquele rio. Na verdade, estes dois horizontes deveriam fundir-se numa única designação, de tal forma são homogêneas as produções que os caracterizam. Pelo menos o Horizonte de Ferradeira, teve uma origem que remonta ao terceiro quartel do 3.º milénio BC sendo, por conseguinte, coevo das manifestações campaniformes registadas na mesma região, embora ainda não sejam claras as razões da não articulação destas duas realidades arqueológicas.

3 – No decurso da segunda metade do 3.º milénio BC, em todo o território português, encontravam-se mais ou menos disseminadas populações portadoras de produções cerâmicas campaniformes, mesmo em regiões onde aquelas eram desconhecidas até há bem pouco tempo, como o Algarve, ou o sul da Beira Interior, justificando mais uma vez a pouca fiabilidade dos critérios baseados na ausência que, em geral, decorrem sobretudo do estado da investigação arqueológica.

Deste modo, o mapa da Península Ibérica publicado em 2008 (BUENO RAMÍREZ; BARROSO BERMEJO & VÁZQUEZ CUESTA, 2008, Fig. 13.1), síntese de contributos de diversos especialistas, encontra-se já ultrapassado. Com efeito, importa assinalar a presença de produções representadas pelos vasos marítimos ao longo da fronteira luso-espanhola, tanto no nordeste transmontano (Craсто de Palheiros), como no sul da Beira interior (Monte do Trigo), no Baixo Alentejo (Porto das Carretas e mesmo no Algarve (Alcalar 7).

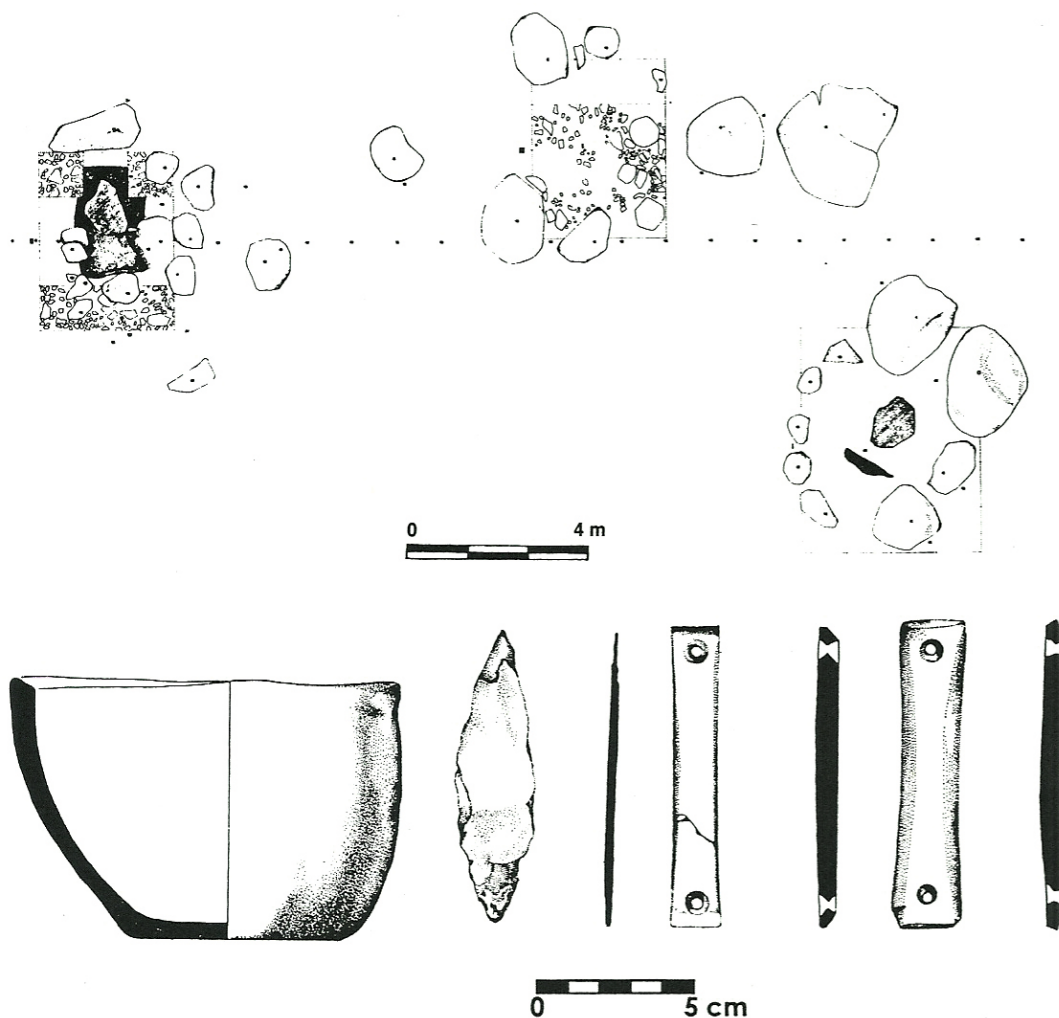


Fig. 67 – Sepulturas individuais de Chã de Arefe e respectivos espólios (seg. A. C. F. Silva e col.).

Por outro lado, sua presença de produções campaniformes foi documentada no interior centro do País, em diversos locais, dos quais se destaca Fraga da Pena. Enfim, o limite ocidental das produções de Cienpozuelos deverá ser estendido até ao Alto Alentejo, com projecções até ao litoral atlântico da Estremadura e ao vale do Sado, já no Baixo Alentejo, em cujo litoral importa ter também presente o sítio de Vale Vistoso, como expressão mais meridional das características taças Palmela.

Assim, se hoje é claro que as influências mesetenhas atingiram o litoral da Estremadura, também em zonas interiores do território português, próximo da fronteira luso-espanhola, se reconheceram contextos campaniformes onde são exclusivos os vasos marítimos, como é o caso do Porto das Carretas e do Monte do Trigo, apesar dos seus escassos efectivos, podendo indicar movimentos de populações de sentido inverso, a partir do litoral, e seguindo os vales dos principais cursos de água.

Por outro lado, as recentes investigações realizadas nos últimos quinze anos, tanto em sítios habitados, como em necrópoles, na Beira Alta, na Beira Transmontana e a norte do Douro, vieram carrear um notável acréscimo de informação, sobre a existência de ocorrências campaniformes, em vastas zonas onde elas eram até então praticamente desconhecidas.

Enfim, nos recentes trabalhos de minimização dos impactes ambientais realizados na bacia do Guadiana, foram documentadas fortes influências da Meseta ibérica, através das numerosas cerâmicas do grupo de Ciempozuelos ali presentemente conhecidas em sítios habitados.

4 – Confirmam-se os resultados conhecidos desde os primórdios das investigações: a Baixa Estremadura (áreas adjacentes aos rios Tejo e Sado) continua a ser aquela que oferece a larga maioria de materiais campaniformes, com cerca de 75% dos vasos marítimos identificados, sendo também aquela onde se pode encontrar a maior quantidade e diversidade de outras produções, com destaque para a taça Palmela, cuja incidência regional é muito marcada. A extraordinária riqueza de estações campaniformes, bem como a quantidade dos espólios encontrados nesta região, conduz à conclusão de que estes tinham essencialmente um carácter funcional: disso é prova a exclusiva e abundante presença de produções cerâmicas campaniformes em simples cabanas, integradas em modestos núcleos de carácter familiar, essencialmente vocacionados para a produção agro-pastoril intensiva e extensiva.

5 – A ausência, absoluta ou quase absoluta, de materiais campaniformes em alguns sítios fortificados da Baixa Estremadura, como é o caso do Penedo de Lexim, Mafra, e do Outeiro Redondo, Sesimbra, é contraditória com o facto de estes se localizarem na região do território português com maior abundância de produções campaniformes, coincidindo a cronologia da sua ocupação, no decurso da segunda metade do 3.º milénio BC com a plenitude de tal presença. Tal significa que os habitantes daqueles dois sítios, que tinham forçosamente conhecimento de tais produções, as não integraram no seu uso quotidiano, indício de que poderiam ser populações diferenciadas daquelas que, na mesma região e época, as utilizavam com carácter exclusivo. Tal é indicativo da coexistência de duas formações sociais culturalmente e, eventualmente, geneticamente diferenciadas, mas convivendo aparentemente sem conflitualidade, no mesmo espaço geográfico, durante cerca de 700 anos.

6 – No respeitante às práticas funerárias, são escassas as sepulturas construídas estritamente campaniformes conhecidas no território português. Trata-se do pequeno megálito fechado de Chã do Carvalhal 1, Baião, construído para albergar uma única tumulação onde ocorrem espólios metálicos e cerâmicos campaniformes, numa região em que tais manifestações são muito escassas, o que sublinha a origem exógena desta ocorrência; a gruta artificial do Convento do Carmo, Torres Novas, correspondendo a sepultura colectiva exclusivamente utilizada por população portadora de produções campaniformes, o mesmo se verificando com a gruta natural da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, em que os corpos foram colocados em posição fetal, com os membros flectidos; e, finalmente, a sepultura individual em poço do Monte da Quinta do Castelo, Beja, onde se recolheu um único vaso marítimo. Todas as restantes sepulturas campaniformes conhecidas correspondem sempre à reutilização das anteriormente constituídas, sejam em grutas naturais, artificiais e sepulturas de falsa cúpula, conforme se verifica na Estremadura, sejam em monumentos dolménicos, realidade mais frequente tanto no norte e centro do País, dado serem ali os tipos de sepulcros dominantes, embora nalguns casos tenha sido possível identificar enterramentos individuais. Na Beira Alta, destaca-se o realizado no corredor da Orca de Outeiro do Rato, Oliveira do Hospital; na Beira Baixa, a cista secundária construída na periferia do *tumulus* da anta 5 do Amieiro, Idanha-a-Nova, onde se recolheu fragmento de vaso com decoração pseudo-excisa; no Alto Alentejo, o identificado no dólmen de Nossa Senhora dos Olivais, Estremoz, em que o indivíduo foi colocado também com os membros flectidos, em posição fetal; e, finalmente, no Baixo Alentejo, os dois enterramentos efectuados na câmara do dólmen de Pedra Branca, Santiago do Cacém, acompanhados de abundante espólio.

AGRADECIMENTOS

A Raquel Vilaça, M. J. Sanches e J. M. Arnaud por terem fornecido imagens que muito enriqueceram este trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. A. B. (1985) – Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende*. Esposende. 7-8, p. 27-51.
- AMARO, G. C. (2010-2011) – Continuidade e evolução nas cerâmicas calcolíticas da Estremadura (um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 201-233.
- ARNAUD, J. M. (1974-1977) – Escavações no Penedo do Lexim (Mafra)/1975. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7-9, p. 398-406.
- ARNAUD, J. M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- BARBOSA, S. (1999) – *O Crasto de Palheiros – Murça. Contributo para o entendimento do fenómeno campaniforme em contexto doméstico no norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2011) – El vaso campaniforme en el norte de Portugal. Contextos, cronologias y significados. In: *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milénios BC*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, p. 363-374.
- BUBNER, T. (1979) – Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo (Moura). *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 139-151.
- BUENO RAMIREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R. & VÁZQUEZ CUESTA, A. (2008) – The Beaker phenomenon and the funerary contexts of the International Tagus. In: *Graphical Markers and Megalithic Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series 1765, p. 141-155.
- CARDOSO, J. L. (1997-1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2000) – O “fenómeno” campaniforme na Estremadura portuguesa. *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular. 4, p. 353-380.
- CARDOSO, J. L. (2001) – Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). *Bell Beakers Today*. In: *Bell Beaker Today. Pottery, People, Culture, Symbols in Prehistoric Europe (Riva del Garda, 1998)*. Trento: Provincia Autonoma di Trento. 1, p. 139-154.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2004 a) – An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus stuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 6, p. 147-156.
- CARDOSO, J. L. (2004 b) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio A.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras* 12).
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2013 a) – O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados da primeira fase de escavações arqueológicas (2005-2008). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 641-730.
- CARDOSO, J. L. (2013 b) – A necrópole campaniforme da gruta da Ponte da Lage (Oeiras): estudo dos espólios cerâmicos e metálicos e respectiva cronologia absoluta. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 589-604.
- CARDOSO, J. L. (2014) - Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), p. 57-76.
- CARDOSO, J. L. & CANINAS, J. C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2003) – A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2), p. 167-179.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2010) – A anta do Malhão (Alcoutim) e o “Horizonte de Ferradeira”. *7.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2009)*. Actas. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 56-72 (Xelb 10).
- CARDOSO, J. L. & NORTON, J. (2004) – As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 129-136.
- CARDOSO, J. L. & SCHUHMACHER, T. X. (2012) – Marfiles calcolíticos en Portugal. Estado de la cuestión. Elfenbeinstudien. *Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental*. Darmstadt / Mainz: Verlag Philipp von Zabern, p. 95-110 (*Iberia Archaeologica* Band 16 Faszikel 1).
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1990-1992) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8-10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do megalitismo no sul da Beira Interior. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 21, p. 151-207.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. d’ (2013) – O campaniforme de Freiria. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G. & SALANOVA, L. (2005) – Bell Beaker relationships along the Atlantic coast. *Understanding People Through Their Pottery*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia* 42).
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. & ARAÚJO, M. F. (2002) – O espólio metálico do Outeiro de São Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros dados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 20, p. 77-114.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. & MARTINS, J. M. M. (2010-2011) – Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 553-578.

- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. V.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CORRÊA, A. M. & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CRUZ, D. J. (1992) – *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Conímbriga / Anexos 1).
- CRUZ, D. J. (1995) – Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, p. 81-119.
- CRUZ, D. J., GOMES, L. F. G. & CARVALHO, P. M. S. (1998) – Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 375-395.
- DELIBES DE CASTRO, G. & GUERRA DOCE, E. (2004) – Contexto y posible significado de un cuenco Cienpuzuelos com decoración simbólica de ciervos hallado en Almenara de Adaja (Valladolid). In: *Miscelánea en Homenaje a Emiliano Aguirre*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional. 4, p. 116-125.
- DELIBES DE CASTRO, G.; GUERRA DOCE, E. & TRESSERAS JUAN, J. (2009) – Testimonios de consumo de cerveza durante la Edad del Cobre en la Tierra de Olmedo (Valladolid). In: *Castilla y el mundo feudal. Homenaje al Profesor Julio Valdeón*. Junta de Castilla y León / Universidad de Valladolid. 3, p. 585-599.
- DIAS, M. I.; PRUDÊNCIO, M. I.; PRATES, S.; GOUVEIA, M. A. & VALERA, A. C. (2000) – Tecnologias de produção e proveniência de matéria-prima das cerâmicas campaniformes da Fraga da Pena (Fornos de Algodres – Portugal). *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Actas. Porto: ADECAP. 4, p. 253-268.
- ESTEVE GÁLVEZ, F. (1956) – Cerámica de cuerdas en la Plana de Castellón. *Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas. IV Sesión* (Madrid, 1954). Actas. Zaragoza, p. 543-556.
- FERREIRA, O. V. (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- FERREIRA, O. V. & LEITÃO, M. (s/d) – *Pré-História de Portugal. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, O. V. & SILVA, C. T. (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 203-225.
- FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T. & SOUSA, H. R. (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 107-192.
- FORTES, J. (1905-1908) – A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre). *Portugalia*. Porto. 2, p. 241-252.
- FRANCO, M. L. & VIANA, A. (1948) – Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11 (3-4), p. 299-305.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*. Sintra. 1/2 (1), p. 29-58.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

- GONÇALVES, V. S. (2008) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GOMES, L. F. C. & CARVALHO, P. Sobral de (1993) – Novos elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 1, p. 29-49.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, Mass.: Peabody Museum, Harvard University (*Bulletin* 35).
- HARRISON, R. J. (1980) – *The Beaker folk. Copper Age Archaeology in Western Europe*. London: Thames & Hudson.
- HARRISON, R. J. (1988) – Bell beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millennium BC. *Antiquity*. Cambridge. 62, p. 464-472.
- HARRISON, R. J.; BUBNER, T. & HIBBS, V. (1976) – The beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 79-141.
- HENRIQUES, F. R.; SOARES, A. M.; ANTÓNIO, T.; CURATE, F.; VALÉRIO, P. & ROSA, S. (2013) – O tholos de Centirã 2 (Brinches, Serpa). Construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. *Actas del VI Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, p. 319-355.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 107-141.
- JORGE, S. O. (2002) – An all-over corded bell beaker in Northern Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks. *Jornal of Iberian Archaeology*. Porto. 4, p. 107-129.
- JORGE, V. O. (1980) – Escavação da mamoa 1 de Outeiro de Gregos. *Portvgalia*. Porto. Nova Série, 1, p. 9-28.
- JORGE, V. O. (1983) – Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto serra da Aboboreira, Baião. *Arqueologia*. Porto. 7, p. 23-39.
- JORGE, V. O.; BAPTISTA, A. M.; SILVA, E. J. L. & JORGE, S. O. (1997) – *As mamoas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro/Melgaço)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
- KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glockenbecherund kerblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (*Madriider Beiträge* 5, Zambujal Teil 2).
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- KUNST, M. (2010) – Zambujal. A dinâmica da sequência construtiva. In V. S. GONÇALVES & A. C. SOUSA (eds.) – *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4.^o e o 3.^o milénios a.n.e. (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 131-153.
- KUNST, M. & LÜTZ, N. (2008) – Zambujal (Torres Vedras, Portugal). Zur Prazision der absoluten Chronologie durch Untersuchungen na der vierten Befestigungslinie. *Madriider Mitteilungen* 49, p. 29-63.
- KUNST, M. & LÜTZ, N. (2010-2011) – Zambujal (Torres Vedras), investigações até 2007. Parte 1: sobre a precisão da cronologia absoluta decorrente das investigações na quarta linha da fortificação. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 419-466.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. & CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (1), p. 45-152.

- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter (*Madriider Forschungen*, Band 1).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1955) – *Antas nas herdades da Casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança/Instituto de Alta Cultura.
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. (1968) – Die Dolmen von Carapito. *Madriider Mitteilungen* 9, p. 11-62.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATALOTO, R. & BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do sul de Portugal: um balanço relativo ao povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (2), p. 31-77.
- MATALOTO, R. (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (2), p. 83-108.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M. M. & SOARES, A. M. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- MORÁN, E. & PARREIRA, R. (coord.) (2004) – *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: IPPAR (Cadernos, 6).
- NOGUEIRA, A. M. & ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Túmulo da época do Bronze. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24, p. 95-97.
- ODRIOZOLA, C. P.; VILLALOBOS GARCIA, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 605-622.
- OBERMAIER, H. (1917) – *Yacimiento prehistorico de Las Carolinas (Madrid)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas (Memoria 16).
- PAÇO, A. & FERREIRA, M. E. (1957) – Espada de cobre do Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres). *23.º Congresso Luso-Espanhol para o progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*. Actas. 7.ª Secção – Ciências Históricas e Filológicas. Coimbra, p. 357-364.
- POYATO HOLGADO, C. & HERNANDO GRANDE, A. (1988) – Relaciones entre la península Ibérica y el Norte de África. Marfil y campaniforme. *Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar (Ceuta, 1987)*. Actas. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia/Ayuntamiento de la ciudad de Ceuta, p. 317-329.
- RIBEIRO, C. (1878) – Dolmens et grottes sépulcrales du Portugal. *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme*. Toulouse. 13, p. 446-447.
- ROCHA, L. M. P. (2005) – *Origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ROCHA, A. S. (1907) – Material para o estudo da idade do cobre em Portugal. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1 (4), p. 125-126.
- ROCHA, A. S. (1971) – *Memórias e explorações arqueológicas. 2. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizi-nhanças da Figueira*. Coimbra: Por ordem da Universidade, p. 146.

- SALANOVA, L. (2000) – Mécanismes de diffusion des vases campaniformes: les liens franco-portugais. 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999). Actas. Porto: ADECAP. 4, p. 399-409.
- SALANOVA, L. (2001) – Technological, ideological or economic European Union? The variability of Bell Beaker decoration. In: *Bell Beaker Today. Pottery, People, Culture, Symbols in Prehistoric Europe (Riva del Garda, 1998)*. Trento: Provincia Autonoma di Trento. 1, p. 91-102.
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. 2 vols. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,.
- SANCHES, M. J. (2008) – *O crasto de Palheiros*. Murça: Câmara Municipal de Murça.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1981) – *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (*Madrider Beiträge* 5, Zambujal Teil 1).
- SANTOS, M. F.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1972) - Campaniforme da Barrada do Grilo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, p. 163-192.
- SCHUBART, H. (1971) – O horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3-4), p. 189-215.
- SCHUHMACHER, T. X. (2012) – El marfil en España desde el Calcolítico al Bronce antiguo. Resultados de un proyecto de investigación interdisciplinar. In *Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental*. Darmstadt/Mainz: Verlag Philipp von Zabern, p. 45-68 (*Iberia Archaeologica*, Band 16 Faszikel 1).
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993) – A ocupação do Bronze Pleno da “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 1, p. 55-76.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) – Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 173-200.
- SILVA, A. C. F.; LOPES, & MACIEL, (1981) – A necrópole do Bronze Inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos). Primeira notícia. *Arquivo do Alto Minho* 26 (separata, 8 p.).
- SILVA, C. T. (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Lisboa: Junta Nacional de Educação. 1, p. 175-192.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, E. J. L. (1994) – Megalitismo do norte de Portugal: o litoral minhoto. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 157-169.
- SILVA, F. A. P. (1997) – Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do centro-norte litoral português: tradição ou inovação?. *II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 1996)*. Actas. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques. 2, p. 605-620.
- SOARES, A. M. M. (2008) – O monumento megalítico de Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11 (1), p. 33-51.
- SOARES, A. M. M. (1992) – O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 291-314,
- SOARES, A. M. M. (2013 b) – O povoado calcolítico fortificado do Porto das Carretas. Cronologia absoluta. In SOARES, J. – Transformações sociais durante o 3.º milénio AC no sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *EDIA (Memórias d’Odiana, 2.ª série, 5)*, p. 532-538 (Anexo 7).

- SOARES, J. (2013 a) – Transformações sociais durante o 3.º milénio AC no sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas. *EDIA (Memórias d'Odiana, 2.ª série, 5)*.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1974-1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português* Lisboa. Série 3, 7-9, p. 102-112.
- SOUSA, A. C. F. A. B. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VALERA, A. C. (1999) – The re-creation of territorialities and identities in the III millenium BC: research problems in Central Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 109-115.
- VALERA, A. C. (2000 a) – O Monte do Tosco 1: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *ERA-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 33-51.
- VALERA, A. C. (2000 b) – O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 1999)*. Actas. Porto: ADECAP. 4, p. 269-290.
- VALERA, A. C. (2013) – As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2.ª metade do 4.º aos inícios do 2.º milénio AC. *EDIA (Memórias d'Odiana, 2.ª série, 6)*.
- VALERA, A. C. (coord.) (2014) – Bela Vista 5. Um recinto do final do 3.º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja). *Era Monográfica*. Lisboa. 2, p. 95-104.
- VALERA, A. C. & FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *ERA-Arqueologia*. Lisboa. 6, p. 28-61.
- VALERA, A. C. & REBUGE, J. (2011) – O campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço. *3.ª jornadas de arqueologia do norte alentejano (Fronteira, 2005)*. Actas. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Fronteira, p. 111-121.
- VEIGA, S. P. M. E. (1889) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Vol. 3. *Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Vol. 4. *Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VILAÇA, R. (1988) – *Subsídios para o estudo da Pré-História recente do Baixo Mondego*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural (*Trabalhos de Arqueologia* 5).
- VILAÇA, R. (2008) – The Chalcolithic in Beira interior (Central Portugal): data and problems. In P. BUENO-RAMIREZ; R. BARROSO-BERMEJO & R. BALBÍN-BEHRMANN (eds.) – *Graphical Markers and Megalithic Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series 1765, p. 157-170.